

CITRICULTURA RETOMA INVESTIMENTOS EM 2017

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.estaq.usp.br/hfbrasil



Smartphone displaying a webpage about citrus production:

- 1-3 Anos**: **FORMAÇÃO** (Formation)
- 4-7 Anos**: **EXPANSÃO DA PRODUÇÃO** (Expansion of Production)

CITROS

QUANTO CUSTA FORMAR UM POMAR DE LARANJA?

Mais informações de mercado, acesse: hfbrasil.org.br/citros

CHEGOU VOLIAM TARGO: PRECISO NO CONTROLE DAS PRINCIPAIS PRAGAS DO CITRUS.

- Alta potência de controle.
- Manejo antirresistência.
- Seletivo aos inimigos naturais.



Produto em fase de cadastro no Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



ÁCARO-DA-FALSA-FERRUGEM

PSILÍDEO

 **Voliam Targo**[®]

syngenta.



GESTÃO INTEGRADA DE FAZENDAS

O curso oferece ao aluno uma visão sistêmica para a integração de todos os setores envolvidos na gestão de uma fazenda.

Gestão de AgroMarketing

AGREGUE VALOR
A SUA CARREIRA

LIDERE OS ESFORÇOS
DE DESENVOLVIMENTO
DE MERCADO DA SUA EMPRESA

INSCREVA-SE EM  (19) 3375.4250
PECEGE.ORG.BR  (19) 99948.4769

EDITORIAL

É VIÁVEL INVESTIR EM LARANJA?



Caroline Ribeiro (esq.), Renato Ribeiro, Fernanda Geraldini, Fernando Perez e Margarete Boteon integram a Equipe Citros do Cepea.

Essa questão se divide em outras: quanto custa formar um pomar de laranja? Em quanto tempo é possível obter o retorno desse investimento e, mais do que isso, ele será viável? As perguntas são muitas, mas, quando se trata da análise de viabilidade de um projeto citrícola, não há uma única resposta. O *Especial Citros 2017* avalia os principais *drivers* do custo de formação de pomares e analisa a possibilidade de novos investimentos em laranja. O ponto de partida do estudo foi considerar o orçamento da reforma de um pomar, e não o investimento feito do zero. A razão é que há poucos novos entrantes no setor, e os produtores tradicionais têm preferido ampliar a tecnologia, em vez de expandir a área. No intuito de avaliar o custo de reforma dos pomares, selecionamos dois dos projetos mais recomendados por especialistas do setor. Para isso, a equipe Citros do Cepea consultou o Gconci (Grupo de Consultores em Citros) e o engenheiro agrônomo Leandro Aparecido Fukuda, da empresa Farmatac.

Enquanto o Projeto 1 avalia a reforma de um pomar sob o sistema de sequeiro e moderadamente adensado, o Projeto 2 é de um pomar irrigado e com sistema mais adensado. A descrição completa de cada projeto, o orçamento do pomar e a análise de retorno do investimento estão detalhados nas páginas 16 e 17.

É preciso colocar na ponta do lápis que o custo de formação e os riscos são altos em ambos os projetos e que o retorno é de longo prazo: entre 8 e 11 anos após a implantação. Além disso, dependendo do nível de produtividade, o retorno pode ser muito baixo.

No entanto, para manter tal rentabilidade, a propriedade deve manter investimentos elevados no manejo do pomar, independente das oscilações de mercado e de produção. Mesmo assim, há riscos que a curva de produtividade simulada nos projetos não se concretize. Esse é o alerta da pesquisadora do Cepea/Esalq Andreia Adami, nossa entrevistada para o *Fórum* desta edição: quanto maior o prazo de investimento do retorno, mais elevada deve ser a rentabilidade para cobrir eventuais riscos que o planejamento inicial do projeto poderia não ter apontado.



2017 24^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

Organização



Capacitação



Patrocínio



Apoio



Agência de Turismo Oficial



www.hortitec.com.br

Informações: Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: rbb@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br
Local: Recinto da Expoflora | Al. Maurício de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mogi Mirim, km 140
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | fortec@fortec.com.br | Site: www.fortec.com.br

de 21 a 23 de junho
das 9 às 19 horas Holambra-SP

A CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) é uma boa alternativa ao pequeno produtor?



Temos que implantar a CSA em praticamente todos os municípios do Brasil, mas isso só é possível com a participação dos agentes de extensão rural. O sistema é excelente para o produtor e para a comunidade, reduzindo os atravessadores.

Giacomo Fasanella Neto – Itu/SP

Na verdade, fico com o preço. Quero um valor real para minha produção, agregar valor ao meu produto para ser recompensado pelo mercado por isso. Vamos brigar pelo preço, o apreço não basta. Acredito que existem várias estratégias para que o produ-

tor se aproxime do consumidor. Em minha cidade, por exemplo, os donos do maior supermercado local produzem as folhosas que são vendidas em suas lojas. Isso é importante, pois eles conhecem o que o consumidor quer, na prática. O produtor precisa se profissionalizar para entender quais são os desejos do consumidor e produzir pensando em atender esses desejos. Avaliar corretamente o fator preço e analisar a realidade tendo essa informação como base é a única forma do produtor manter-se na atividade.

Julio Cazaroto – Andradás/MG

CAPA 10



Para avaliar se o investimento na citricultura é viável, a Hortifruti Brasil mostra dois estudos de viabilidade de reforma de pomares de laranja, baseados na recomendação agrônômica de consultores do setor.

FÓRUM 38














A entrevistada desta edição, profa. Andreia Adami, avalia os 2 Projetos de viabilidade de reforma do pomar citrícola propostos nesta edição.

HF BRASIL NA REDE



Hf www.hfbrasil.org.br
19 99128.1144
Hortifruti Brasil
@revistahortifrutibrasil
@hfbrasil

SEÇÕES

TOMATE		22
BATATA		24
CENOURA		25
ALFACE		26
CEBOLA		28
MELÃO		29
CITROS		30
MAÇÃ		31
MELANCIA		32
BANANA		34
MAMÃO		35
UVA		36
MANGA		37

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleo, Letícia Julião, Fernanda Geraldini Palmieri e Marina Marangon Moreira

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Alessandra da Paz Mtb: 49.148

Revisão:
Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato, Paola Garcia Ribeiro Miori e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Bianca Pan dos Santos, Carolina Camargo Nogueira Sales, Caroline Ribeiro, Emanuel Pereira Lima Filho, Fernanda Geraldini Palmieri, Giulia Gobbo Rodrigues, Isabela Fernanda Luiz, Isabela Silva dos Santos, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lenise Andresa Molena, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariana Santos Camargo, Mariane Novais Olegário de Souza e Rogério Bosqueiro Junior

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

Para avaliar se o investimento na citricultura é viável, a Hortifruti Brasil mostra dois estudos de viabilidade de reforma de pomares de laranja, baseados na recomendação agrônômica de consultores do setor.

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:
Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Valorize seu pequeno na agricultura!



Mariana Lorenzini -
Apucarana (PR)



Helder Alves Martins e
Luana Alves Martins -
Touros (RN)



Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail hfcepea@usp.br ou pelo WhatsApp (19) **99128.1144**!

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região! Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99128.1144**



José Guimarães - João Dourado (BA)



Márcio Nascimento - Piedade (SP)



Alex Laurindo - Ribeirão Branco (SP)



Matheus Nitta - Barueri (SP)





Obesidade no Brasil cresce 60% em 10 anos

Por Caroline Ribeiro

A obesidade já atinge um em cada cinco brasileiros, segundo o Ministério da Saúde. Em 10 anos, a incidência da doença cresceu 60%. Os dados, divulgados em abril, foram coletados pela Vigitel (Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico) de fevereiro a dezembro de 2016. A pesquisa indica que a população obesa passou de 11,8% em 2006 para 18,9% em 2016, enquanto o excesso de peso avançou 26,3% no mesmo comparativo – e está presente em mais da metade dos adultos nas capitais brasileiras. Os dados apontam, ainda, que o índice de obesidade duplica a partir dos 25 anos e é maior entre os de menor escolaridade. Apesar desses números alarmantes, a pesquisa também indica que o brasileiro tem adotado mudanças saudáveis em seus hábitos alimentares, como a redução do consumo de refrigerantes ou sucos artificiais, que passou de 30,9% em 2007 para 16,5% em 2016. Outro fator de destaque é que, apesar da redução do consumo regular de frutas e hortaliças de 2015 para 2016, houve crescimento de 7% neste índice de 2008 a 2016 – o que corresponde a um em cada três adultos.



Cresce presença de orgânicos nos lares dos EUA

Por Caroline Ribeiro

Em 2016, os produtos orgânicos estavam em pelo menos 82% dos lares norte-americanos. É o que mostra pesquisa da Nielsen (empresa que estuda o mercado consumidor e tendências em mais de 100 países), divulgada no mês passado pela Organic Trade Association (OTA). Dentre os 48 estados dos EUA presentes no levantamento, Dakota do Norte teve o resultado mais representativo: o consumo de orgânicos aumentou 14,2% em um ano e está presente em mais de 85% das residências locais. Em relação às vendas totais de alimentos deste segmento naquele país, a alta foi de 11% em 2015 em comparação com 2014 – com arrecadação de US\$ 39,7 bilhões – os dados de 2016 serão divulgados neste ano pela OTA. Para Laura Batcha, diretora-executiva da Associação, os números indicam a crescente representatividade deste mercado: “essas novas descobertas mostram como o orgânico tornou-se importante para milhões de famílias americanas em todos os lugares – mais de 80% das 117 milhões de famílias de nossa nação”.

HF Brasil por aí



Fotos: Dégo Josquim

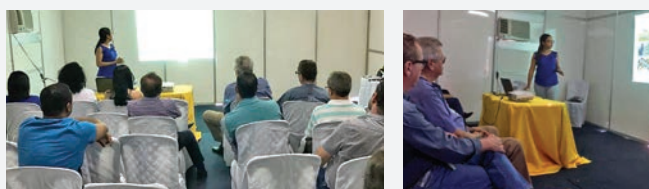


Fernanda Geraldini apresenta o cenário de tahiti aos presentes no Dia do Limão Tahiti, em Pindorama (SP).

Equipe da HF Brasil participa do 18º Dia do Limão Tahiti

A equipe Citros do Hortifrut/Cepea participou do 18º Dia do Limão Tahiti, no dia 6 de abril, em Pindorama (SP), com realização do Centro de Citricultura Sylvio Moreira, da Apta (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento e do IAC (Instituto Agrônomo), do governo do estado de São Paulo. Na ocasião, a pesquisadora de frutas do Hortifrut/Cepea, Fernanda Geraldini, apresentou a agentes do setor o atual cenário econômico para a lima ácida tahiti em São Paulo, além das perspectivas para 2017 – tanto no mercado interno como em âmbito internacional.

Pesquisadora participa de evento sobre banana no Norte de MG



Fernanda ministra palestra em Jaíba (MG).

A convite do Sindicato dos Produtores Rurais de Jaíba e Matias Cardoso (SRJM), a pesquisadora de frutas do Hortifrut/Cepea, Fernanda Geraldini Palmieri, participou da 19ª edição da Festa Nacional da Banana em 29 de abril, em Jaíba (MG). A pesquisadora falou sobre as perspectivas de mercado para a fruticultura brasileira, com foco no panorama econômico da banana, manga, do mamão e lima ácida tahiti para 2017.

Pesquisadores levantam custos de tomate em Caçador

João Paulo Deleo e Marina Marangon, da equipe Hortifrut/Cepea, estiveram em Caçador (SC) nos dias 2 e 3 de maio em reunião sobre custos com tomaticultores. No encontro, os pesquisadores levantaram os custos médios de produção de tomate na região, cujos resultados serão publicados no Especial Hortaliças (edição de junho). Aguarde!

João Paulo e Marina se reúnem com produtores de tomate em Caçador (SC).





**Agricultura
é a nossa vida**

www.ihara.com.br



O FIM DO ÁCARO DA LEPROSE.

OKAY é um acaricida com ação
de choque e residual prolongado.



**CONTROLA TODAS
AS FASES DO ÁCARO.**



**MITIGA PROBLEMAS
DE RESISTÊNCIA COM
SEU MODO DE AÇÃO
DIFERENCIADO.**

ADVERTÊNCIAS

PROTEÇÃO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE

- Não permite que pessoas de idade não tenham aplicação direta.
- Manuseie evitando respirar pó ou gotículas, evite contato com a pele e roupas.
- Use Equipamentos de Proteção Individual (EPI).
- Não coma, não beba e não fume durante o manuseio do produto.
- Não desenvolva hábitos, utilize-se adequadamente com o local.
- Evite contato com a pele e roupas, evite o contato com a boca e olhos.

- Evite a contaminação ambiental, preserve a natureza.
- Não utilize equipamentos de aplicação com vazamentos.
- Não lave as embalagens ou recipientes em lagoas, rios, córregos e demais corpos d'água.
- Aplique somente em áreas recomendadas.
- As embalagens deste produto são resistentes à luz solar e a água, portanto devem ser armazenadas e guardadas em locais protegidos contra fogo.
- Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

- Não utilize em ambientes fechados.
- Periculosidade ambiental e demais informações, ver o rótulo, o bula e o cartão.

**Leia atentamente o rótulo,
o bula e o cartão de
apresentação, e faça-o
quem não souber ler.**



CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. PRODUTO DE USO AGRÍCOLA. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

OKay

CITRICULTURA RETOMA

Reforma dos pomares

Com a valorização da laranja no mercado brasileiro e do suco no *front* externo no ano passado, citricultores têm retomado ou planejado novos investimentos na reforma de pomares no cinturão citrícola paulista e no Triângulo Mineiro. Segundo colaboradores de citros do Cepea/Esalq, a reforma ou a intenção de fazê-la foi apontada por mais da metade dos entrevistados consultados em abril de 2017. Citricultores que renovaram ou têm a intenção de fazer a reforma em 2017/18 afirmam que vão plantar pomares mais adensados e estão formatando um projeto para uma média de 17 anos de vida útil total (formação + produção) do pomar. A equipe entrevistou 45 produtores de diferentes escalas de produção do setor em São Paulo e no Triângulo Mineiro.

Essa retomada requer uma análise minuciosa para avaliar se o investimento é viável. Isso porque o custo de reforma dos pomares é mais elevado que o observado no passado, por conta do maior adensamento das plantas, de mais tratamentos para controlar o vetor do HLB (*greening*) e do tempo menor de vida útil do pomar. A equipe Citros/Cepea fez dois estudos de

viabilidade de reforma de pomares, baseados na recomendação agrônômica de consultores do setor.

O inventário de árvores divulgado pelo Fundecitrus, no dia 10 de maio, ainda não indicou que essa retomada de investimentos captada na pesquisa qualitativa do Cepea refletiu em quantidade de plantas novas superior ao observado no inventário de 2015. No entanto, se o inventário de 2017 do Fundecitrus for comparado ao de 2016, tem-se que o número de plantas novas é ligeiramente maior, mas muito abaixo da necessidade de reposição da citricultura. Porém, o perfil dos novos pomares divulgado pelo Fundecitrus nos últimos anos está muito próximo do constatado pela pesquisa qualitativa da equipe Citros/Cepea: pomares mais adensados e de vida útil produtiva menor.

PERFIL ATUAL DA CITRICULTURA: ÁREA MENOR, MAIS ADENSADA E DE ÁRVORES COM DURAÇÃO REDUZIDA

O Fundecitrus completa, em 2017, a divulgação de três importantes relatórios da Pesquisa de Estimativa de Safra (PES), que avaliam o perfil atual dos pomares citrícolas de São Paulo e do Triângulo Mineiro. No geral, o estudo revela que o cinturão citrícola é representado por fazendas de maior porte, pomares mais adensados e de menor duração em termos de idade produtiva.

Área continua caindo em São Paulo e no Triângulo Mineiro

A citricultura tem diminuído de tamanho (em área) nos últimos anos. Desde o início do inventário do Fundecitrus, em 2015, a área passou de 430.622 para 402.566 hectares em 2017. A recente crise de preços (2012-2015) aliada à maior dispersão do HLB (*greening*) são algumas justificativas para a redução da área cultivada. No entanto, as estatísticas de área total de 2017 quando comparadas com as de 2016 revelam que o ritmo de redução de área caiu no último ano por conta da elevação dos preços no período.

Setor reduziu investimentos em novos pomares

Os três últimos relatórios divulgados pelo Fundecitrus indicam queda sensível de investimento em novos plantios e, conseqüentemente, o estoque de plantas jovens tem diminuído na citricultura. O número de plantas em formação no relatório de 2015 era de 23,7 milhões; enquanto o de 2017 constatou 16,915 milhões de árvores. No entanto, o número de plantas novas de 2017 é ligeiramente maior frente ao de 2016 (16,9 milhões em 2017 contra 16,5 milhões de árvores em 2016).

Concentração da produção cresce a cada ano

A maior parte das propriedades citrícolas apresenta porte abaixo de 10 mil plantas. Das 7.588 propriedades, cerca de metade tinha menos de 10 mil plantas no inventário de 2016. No entanto, esse grupo tem baixa participação no número total de árvores: em torno de 10%. No geral, metade do número de árvores é concentrada em poucas (cerca de 158) e grandes propriedades, com mais de 200 mil plantas, segundo o inventário de 2016.

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO

4-7
Anos

FORMAÇÃO

INVESTIMENTOS EM 2017

exige análise de longo prazo

8-12
Anos

PLENA PRODUÇÃO

Grupo das tardias domina o total de plantas

Em São Paulo e no Triângulo Mineiro, no inventário de 2016, o grupo das variedades tardias representava 45% do total de plantas, seguido pelo grupo de meia-estação, com 35%, e do de precoces, com 20%. Na região norte citrícola, esses números são ligeiramente diferentes, com percentual maior de precoces (25%) frente à média do estado. No noroeste, região também voltada ao consumo *in natura*, o percentual é mais elevado para as variedades de meia-estação, em torno de 45% do total de plantas da região. A região sudoeste, por sua vez, tem maior número de variedades tardias que a média do setor, com porcentagem de 52.

13-18
Anos

Cai o plantio das precoces em pomares novos

As precoces estão menos presentes nos pomares formados a partir de 2014. Produtores estão formando mais pomares com a laranja meia-estação (laranja pera) do que com as precoces. Em geral, nos inventários de 2015 e 2016, as precoces representaram 15%, com o restante sendo dividido entre meia-estação e tardias.

Pomares estão cada vez mais adensados

Na tentativa de obter mais rápido o retorno do investimento e evitar replantas na época adulta dos pomares, eles estão cada vez mais adensados. O adensamento aumentou principalmente nesta década, influenciado pelo HLB (*greening*), pelos altos custos de investimento/produção e pela queda nos preços entre 2012 e 2016. Na média, o adensamento dos novos pomares é em torno de 687 plantas por hectare. A tendência é de concentração ainda maior nos próximos anos. No inventário de 2017, o adensamento médio dos pomares novos implantados em 2016 foi de 719 plantas/hectare.

Idade do pomar diminui para 18 anos

O inventário de 2016 revelou que 91% do total de árvores no cinturão citrícola tem até 18 anos. De modo geral, os novos projetos em citricultura utilizam essa idade como base de análise de viabilidade. Após essa idade, o projeto não se viabiliza pela queda da produtividade frente aos altos custos de produção.

Irrigação é essencial para áreas mais secas

As propriedades irrigadas representam, em média, 25% da área total citrícola no inventário de 2016. No entanto, é importante avaliar a representatividade das áreas irrigadas onde a estiagem é um fator impactante na produtividade dos pomares. Na região norte do cinturão citrícola, mais da metade da área já é irrigada. No Triângulo Mineiro, esta porcentagem chega a 65. No sudoeste de São Paulo, o uso de irrigação é pequeno, menos de 7%, por conta da boa distribuição de chuvas no ano.

OBS: Esta edição da Hortifruti Brasil fechou no dia 10 de maio. Assim, nem todos os dados a respeito do perfil da citricultura foram atualizados, já que o relatório completo do Fundecitrus foi divulgado em 12 de maio.

A **Hortifruti Brasil** agradece a colaboração técnica do Grupo de Consultores de Citros (Gconci) e do engenheiro agrônomo Leandro Aparecido Fukuda, da Farmatac, para a elaboração dos dois orçamentos de reforma dos pomares apresentados nesta edição.

QUANTO CUSTA FORMAR UM POMAR?

Com a retomada dos investimentos, a **Hortifru-ti Brasil** traz duas análises de viabilidade de reforma de pomares de laranja: Projetos 1 (Página 16) e 2 (Página 17). Para ambos, o custo foi orçado por hectare e por planta, levando-se em conta o portfólio de três grupos de variedades – precoce, meia-estação e tardia.

Os dois projetos são os mais recomendados por consultores do setor para uma área em renovação e, em termos gerais, coincidem com o perfil divulgado pelo Fundecitrus sobre os pomares implantados recentemente. Os dados para formatar o orçamento dos dois projetos foram captados com consultores na área de citros com vasta experiência na implantação de projetos de formação/renovação de pomares.

É importante destacar que o orçamento feito para os dois projetos levou em conta somente os gastos com a reforma do pomar. Sendo assim, toda a infraestrutura de implantação de um pomar em um novo local, como o preparo mais profundo do solo, terraceamento, construção dos carregadores, estradas e as curvas em nível, não foi considerada. Nos projetos desta *Matéria de Capa*, essa estrutura é dada como já existente na propriedade. Além disso, não foram levados em conta no orçamento o custo de aquisição de máquinas e implementos (exceto a irrigação do Projeto 2), utilizados na formação do pomar, e o Custo de Oportunidade da Terra.

O Projeto 1 é um pomar de sequeiro com adensamento moderado e o Projeto 2 se refere a um pomar adensado e irrigado. Em ambos, a renovação dos pomares de laranja foi composta por três variedades: hamlin, pera e valência. Os dois projetos foram desenhados para que a maior parte da produção seja destinada à indústria, com orçamento para um hectare.

No primeiro projeto, o percentual de pomares precoces foi de 15%, o de meia-estação, de 50% e o de tardia, de 35%. No segundo modelo, o percentual das variedades é bastante similar, com mudanças mais expressivas na proporção de pomares de meia-estação e tardias. Nas precoces, o percentual é de 15%, para

as de meia-estação, de 40% e para as tardias, de 45%.

Foi considerado que estas propriedades citrícolas devem otimizar seus recursos e realizar colheita praticamente durante todo o ano, o que justifica a composição do pomar com variedades de diferentes ciclos de produção. Os custos de formação por hectare apresentados nesta edição consideram a ponderação de acordo com a composição destas variedades. As maiores participações são as para as variedades de meia estação e tardias, devido ao melhor rendimento de sólidos solúveis e, conseqüentemente, melhor remuneração nas negociações com a indústria.

A vida útil difere entre os projetos. Nos pomares de sequeiro (Projeto 1), a vida útil total recomendada pelos consultores foi de 15 anos, dos quais três são de formação e 12, de produção. No modelo irrigado (Projeto 2), o sistema levou em conta os mesmos três anos de implantação; contudo, a vida produtiva do pomar foi de 15 anos, totalizando 18 anos.



Qual é o melhor adensamento para um pomar?

Um novo projeto de implantação ou reforma deve levar em conta o adensamento que será adotado. Em pomares mais adensados, é possível extrair produtividade maior em menor tempo, favorecendo um retorno mais rápido do investimento. No entanto, optar por um pomar adensado requer mais capital para formá-lo e um manejo mais intensivo tanto em termos de podas quanto para questões nutricionais e fitossanitárias. O pomar adensado requer poda anual a partir de uma certa idade. Mesmo que isso comprometa a produtividade em determinado ano, por conta da poda de manutenção, é o que mantém o pomar produtivo por mais tempo.

O adensamento é diferente entre os projetos. No pomar irrigado (Projeto 2), o número de plantas por hectare é maior que o pomar de sequeiro. A diferença entre os projetos em relação ao espaçamento se dá quanto à distância entre plantas, uma vez que a separação entre ruas é similar (de 6,5 metros) nos projetos.

Um dos itens mais importantes no custo de formação do pomar são as mudas. No caso do Projeto 1 (pomar sequeiro), o preço médio da muda foi de R\$ 7,00 por unidade, com o método de enxertia tradicional. Para proteção da enxertia, perneiras foram utilizadas, com custo unitário de R\$ 0,10. No Projeto 2 (pomar irrigado e adensado), foram consideradas mudas provenientes do processo de interenxertia, ou popularmente conhecida como “enxertia sanduíche”. Neste cenário, o preço médio por unidade da muda é de R\$ 8,70. Também foi considerado o uso de perneiras no mesmo valor do Projeto 1.

Formar um pomar requer um grande número de pulverizações

Quanto a tratamentos fitossanitários, no Projeto 1, uma frequência de 48 pulverizações apenas no primeiro ano foi considerada. No segundo e terceiro anos, como as pulverizações são realizadas de forma intercalada, o número é reduzido pela metade, totalizando 24 pulverizações. Em relação ao Projeto 2, do pomar irrigado, durante o primeiro ano da formação, foram consideradas 36 entradas para pulverização. A mesma frequência foi mantida para o segundo e terceiro anos. Este intenso ritmo de pulverizações nos dois projetos foi recomendado pelos consultores visando a proteção contra patógenos e pragas que podem ocorrer durante a formação do pomar, especialmente contra o vetor do HLB (*greening*), o psílídeo.

Além destas pulverizações, também foram recomendados tratamentos via *drenching* em ambos os projetos. Este tratamento onera a formação do pomar, mas é a alternativa adotada atualmente para um controle sistêmico do psílídeo, para prevenção do HLB (*greening*). Tanto no Projeto 1 quanto no 2, durante o período de formação, foi adotada uma frequência de três pulverizações anuais via *drenching*.

Somando-se o gasto com defensivos nos dois projetos, verifica-se a importância deste item no custo de formação do pomar, por meio de sua representatividade no total investido. No sistema irrigado (Projeto 2), os gastos foram mais elevados devido ao maior volume de calda em cada pulverização, justificado pelo adensamento.

Para as simulações do retorno de investimento dos dois projetos, foi recomendado pelos consultores adotar uma taxa de erradicação e replantio nos pomares, em decorrência da provável contaminação com a bactéria causadora do HLB (*greening*). No Projeto 1, foi considerada uma taxa de erradicação seguida de replantio de 5% do adensamento inicial até o quinto ano. No Projeto 2 (pomar irrigado e mais adensado), foi considerada uma taxa de erradicação,

seguida de replantio, de 8% sobre o adensamento inicial de plantas até o sétimo ano. Deste período até o final da vida útil do pomar (18 anos), foi adotada uma taxa de erradicação de 1% ao ano do número de plantas por hectare. Nesse cenário, o pomar irrigado encerra sua vida útil com 77 plantas a menos que o adensamento inicial, totalizando estande de 655 plantas por hectare.

Formação por planta supera R\$ 50,00 no Projeto 2

O orçamento da reforma do pomar nos Projetos 1 e 2 está exposto nas páginas 16 e 17, respectivamente. De modo geral, o investimento por hectare de um pomar adensado (Projeto 2) é maior do que o não adensado (Projeto 1). O Projeto 2 requer mais mão de obra, mudas, mais tratamentos de adubação e pulverizações que o Projeto 1. Além disso, o Projeto 2 implantou o sistema de irrigação, o que ampliou ainda mais o montante de investimento no pomar. Por planta, o investimento do Projeto 2 (R\$ 42,44) já é maior que o do Projeto 1 (R\$ 38,34), se o custo de instalação da irrigação não for incluído. Com a inclusão da irrigação no investimento, o custo por planta do Projeto 2 sobe para R\$ 53,65. A inclusão ou não da irrigação vai depender da região onde será instalada a citricultura. Nos pomares mais ao norte do estado paulista, a irrigação é importante para manter produtividade elevada ao longo do tempo de vida útil do projeto. Já nos pomares mais ao sul da região citrícola, o regime hídrico é melhor e é possível obter alta produtividade mesmo sem irrigação.

A vida útil estimada desses dois investimentos é diferente. Os consultores recomendam tempo produtivo maior para o Projeto 2 do que para o 1. Assim, por conta da vida útil mais estendida do Projeto 2, a depreciação anualizada (e capitalizada a 2% a.a.) desse projeto é de R\$ 3.008,92 por hectare-ano nos próximos 15 anos do projeto. Para o Projeto 1, é estimada em R\$ 1.907,50 por hectare-ano nos próximos 12 anos (considerando-se também depreciação capitalizada).

O custo de formação equivale a receita de 12% do total produzido

Uma comparação do peso da depreciação ao longo da vida útil produtiva do pomar é avaliar quanto o produtor terá que comercializar em caixas de laranja somente para recuperar esse investimento. Considerando-se preço médio de R\$ 19,40 por caixa, o citricultor terá que produzir, em 15 anos, 2.326 caixas para pagar o investimento orçado no Projeto 2 – o equivalente a 11,8% do total de produção estimado no projeto. No Projeto 1, o citricultor terá que produzir 1.223 caixas em 12 anos para pagar o investimento – o equivalente a 11% do total.

É IMPORTANTE AVALIAR O EMPREENDIMENTO CITRÍCOLA NO MÉDIO PRAZO

A atividade citrícola é um projeto de longo prazo: em torno de 15 a 18 anos (incluindo os três anos de formação). Assim, o custo de formação do pomar é só um dos pontos a serem avaliados a respeito da viabilidade de um projeto de renovação. É importante analisar o projeto completo, incluindo, além do investimento do pomar, todo o inventário da propriedade, o seu patrimônio e uma estimativa de fluxo de caixa ao longo da vida útil produtiva das árvores.

Uma simulação de fluxo de caixa pode ser realizada por meio da análise de quatro variáveis-chaves: preço da laranja, custo de produção em função da produtividade e taxa de replantio e erradicação do pomar e curva de produtividade ao longo da vida útil. Apesar da dificuldade de prever todas essas variáveis para os próximos 15 a 18 anos, esse é um exercício importante para analisar a viabilidade da cultura.

PREÇO: O preço é uma variável-chave em um projeto de viabilidade citrícola e, dependendo do tipo de contrato negociado com a indústria, a oscilação nos valores é elevada, aumentando o risco da receita na cultura. Em ambos os projetos, adotou-se um modelo de negócios voltado à comercialização para a indústria por meio de um preço fixo num prazo de 15 anos (Projeto 1) a 18 anos (Projeto 2). O preço adotado neste projeto foi de R\$ 20,00 (US\$ 6,00) para as variedades de meia-estação e tardias e de R\$ 16,00 (US\$ 4,80) para a precoce. Esse valor é muito próximo ao dos contratos de longo prazo realizados pelas indústrias nos últimos três anos.

CUSTO DE PRODUÇÃO: O custo de produção é outra variável de difícil estimativa, dado o manejo cada vez mais intensivo dos pomares e o custo da mão de obra em constante elevação. Além disso, ele varia muito por hectare em função do manejo, idade e da curva de produtividade, entre outros fatores. Para se obter uma estimativa média do custo por hectare por variedade e tipo de manejo (irrigado e não irrigado), usou-se uma curva de produtividade versus custo (operacional) por grupos de variedades (precoce e meia-estação/tardia) e sistema de irrigação (sequeiro e gotejo), apurado em 2011 pela equipe Citros/Cepea e corrigido pela inflação a valores de 2017.

ERRADICAÇÃO E REPLANTIO: Outro ponto importante na formatação dos modelos de análise de viabilidade é a taxa de erradicação e replantio durante a vida útil do pomar. No Pro-

jeto 1, a curva de produtividade estimada já foi corrigida em termos de produtividade ao longo do tempo em função do efeito do HLB (*greening*) e outras doenças no parque produtivo. O replantio no Projeto 1 foi feito até o quinto ano em torno de 5% do total das árvores. No Projeto 2, a taxa de erradicação e replantio foi de 8% até o sétimo ano. Do oitavo até o 18º ano foi considerada uma taxa de erradicação de 1% a.a. do número de plantas por hectare e não foram feitas mais replantas. Com os dados de erradicação, foi possível ajustar a curva de produtividade por hectare, já que o número de plantas decresce ao longo da vida útil do pomar nos dois projetos.

PRODUTIVIDADE X VIDA ÚTIL: A curva de produtividade versus vida útil do pomar é um dos pontos-chaves para se avaliar o retorno da cultura. Assim, a produção final também é bem distinta entre os dois modelos por conta dessas duas variáveis. O Projeto 1 não apresenta irrigação, e tanto a vida útil quanto o adensamento são menores. Assim, a produtividade esperada é menor ao longo do tempo. No Projeto 1, a produção total por hectare é de 13.902 caixas ao longo da vida útil nas áreas precoces, de 9.750 caixas na meia-estação e de 11.700 nos pomares tardios – ponderando-se pela participação de cada variedade no projeto, a produtividade média obtida por hectare foi de 11.055 caixas (nos 12 anos de produção).

No Projeto 2, a produção total nas áreas precoces é de 23.041 caixas frente às 17.916 caixas nos pomares de meia-estação e de 20.326 caixas nas de tardias – ponderando-se pela participação de cada variedade no projeto, a produtividade média obtida por hectare foi de 19.770 caixas (nos 15 anos de produção). A produtividade é muito maior no Projeto 2 por conta do adensamento, manejo e do uso da irrigação.

Com base na estimativa dessas variáveis-chaves, é possível montar um fluxo de caixa ao longo da vida útil do pomar e extrair indicadores importantes de viabilidade, como o tempo de retorno do investimento (*Payback*), taxa de retorno (conhecido como TIR – taxa interna de retorno) e Valor Presente Líquido (VPL). O VPL significa a lucratividade obtida com o projeto ao longo da vida útil, mas convertida a valores atuais. A análise de investimento de ambos os projetos está nas páginas 18 e 19.

Cinco variáveis são importantes para a análise de investimento em laranja: montante investido no pomar, preço de venda, custo de produção, taxa de replantio/erradicação e curva de produtividade

PROJETO 1: SEQUEIRO E ADENSAMENTO MODERADO

Características básicas do Projeto

FORMAÇÃO DO POMAR PARA 1 HECTARE:	PRECOCE	MEIA-ESTAÇÃO	TARDIA	DEPRECIÇÃO DO POMAR
Composição das variedades	15%	50%	35%	Vida útil produtiva: 12 anos
Vida útil total	15	15	15	Custo de Oportunidade (%) 2% a.a. (valor real)
Vida útil produtiva	12	12	12	CARP (R\$/ha) 1.976,50
Espaçamento	6,5 x 3	6,5 x 2,5	6,5 x 2,5	CARP (R\$/planta) 3,58
Adensamento (plantio)	472	566	566	
Produção total (vida útil)	13.902	9.750	11.700	
Irrigação	Sequeiro	Sequeiro	Sequeiro	

ORÇAMENTO: FORMAÇÃO DE POMAR DE LARANJA

Item	Ano 1 R\$/ha	Ano 2 R\$/ha	Ano 3 R\$/ha	Total (3 anos) R\$/ha	%
A. Mão de obra	2.531,45	1.813,40	1.742,14	6.087,00	29%
Preparo de solo	289,46			289,46	1%
Plantio	590,45			590,45	3%
Demais atividades	1.651,55	1.813,40	1.742,14	5.207,09	25%
B. Operações Mecânicas	2.412,97	894,65	777,40	4.085,02	19%
Preparo de solo	977,21			977,21	4,6%
Demais operações	1.435,75	894,65	777,40	3.107,81	14,7%
C. Mudas	3.923,06	19,60	39,19	3.981,85	19%
D. Erradicação/Replântio	-	44,06	64,96	109,03	0,5%
E. Fertilizantes	1.215,96	648,30	1.466,54	3.330,81	16%
Adubo	678,96	624,30	861,54	2.164,81	10,2%
Fertilizante Foliar	12,00	24,00	80,00	116,00	0,5%
Corretivos	525,00		525,00	1.050,00	5,0%
F. Defensivos	828,56	1.055,17	1.683,76	3.567,49	17%
Acaricidas/inseticidas	676,59	996,57	1.518,91	3.192,08	15,1%
Herbicida	129,29	31,41	74,25	234,95	1,1%
Fungicida	17,28	21,78	72,60	111,66	0,5%
Óleo mineral/Adjuvantes/Regulares/Outros	5,40	5,40	18,00	28,80	0,1%
G. Irrigação	-	-	-	-	-
Implantação da Irrigação (equipamento, projeto, mão de obra)					
ORÇAMENTO POMAR	10.912,01	4.475,18	5.774,01	21.161,20	100%
POR PLANTA (R\$/planta)	19,77	8,11	10,46	38,34	

Obs: O orçamento acima ponderou em um hectare o portfólio das três variedades: 15% de precoces, 50% de meia-estação e 35% de tardias.

A taxa de erradicação e replântio foi de 5% até o 5º ano.

O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) refere-se à depreciação capitalizada do pomar de laranja por 12 anos.

PROJETO 2: IRRIGADO E ADENSADO

Características básicas do Projeto

FORMAÇÃO DO POMAR PARA 1 HECTARE:	PRECOCE	MEIA-ESTAÇÃO	TARDIA	DEPRECIÇÃO DO POMAR
Composição das variedades	15%	40%	45%	Vida útil produtiva: 15 anos
Vida útil total	18	18	18	Custo de Oportunidade (%) 2% a.a. (valor real)
Vida útil produtiva	15	15	15	CARP (R\$/ha) 3.008,92
Espaçamento	6,5 x 2	6 x 2	6,5 x 2	CARP (R\$/planta) 4,11
Adensamento (plântio)	708	767	708	
Adensamento (final da vida útil)	634	687	634	
Produção total (vida útil)	23.041	17.916	20.326	
Irrigação	Gotejamento	Gotejamento	Gotejamento	

ORÇAMENTO: FORMAÇÃO DE POMAR DE LARANJA

Item	Ano 1 R\$/ha	Ano 2 R\$/ha	Ano 3 R\$/ha	Total (3 anos) R\$/ha	%
A. Mão de obra	4.032,00	1.596,51	1.307,55	6.936,06	22%
Preparo de solo	270,69			270,69	1%
Plantio	772,90			772,90	2%
Demais atividades	2.988,41	1.596,51	1.307,55	5.892,47	19%
B. Operações Mecânicas	2.041,34	911,49	976,11	3.928,93	13%
Preparo de solo	927,60			927,60	3,0%
Demais operações	1.113,74	911,49	976,11	3.001,33	10%
C. Mudas	6.447,97		257,66	6.705,63	22%
D. Erradicação/Replântio			147,27	147,27	0,5%
E. Fertilizantes	2.719,34	1.656,32	2.321,44	6.697,11	22%
Adubo	2.366,16	1.354,05	1.946,44	5.666,65	18%
Fertilizante Foliar	23,18	77,27	150,00	250,45	0,8%
Corretivos	330,00	225,00	225,00	780,00	3%
F. Defensivos	1.126,19	1.946,69	3.129,37	6.202,25	20%
Acaricidas/inseticidas	929,66	1.634,18	2.512,02	5.075,86	16%
Herbicida	129,29	129,29	129,29	387,86	1%
Fungicida	43,86	105,27	336,76	485,90	1,6%
Óleo mineral/Adjuvantes/Regulares/Outros	23,38	77,95	151,31	252,63	0,8%
G. Irrigação	-	170,00	260,00	430,00	1%
Energia+Manutenção		170,00	260,00	430,00	1,4%
ORÇAMENTO POMAR	16.366,84	6.281,01	8.399,41	31.047,26	100%
Implantação da Irrigação (equipamento, projeto, mão de obra)	8.200,00			8.200,00	
ORÇAMENTO TOTAL (POMAR + IRRIGAÇÃO)	24.566,84	6.281,01	8.399,41	39.247,26	
POR PLANTA (R\$/planta)	33,58	8,59	11,48	53,65	

Obs: O orçamento acima ponderou em um hectare o portfólio das três variedades: 15% de precoces, 40% de meia-estação e 45% de tardias.

A taxa de erradicação e replântio foi de 8% até o 7º ano. Do 8º ano até o 18º ano foi considerada uma taxa de erradicação de 1,0% a.a. do número de plantas por ha. O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) refere-se à depreciação capitalizada do pomar de laranja por 15 anos.

CITRICULTURA SÓ É VIÁVEL COM ALTA

As simulações de análise de investimento de renovação de pomares comprovam que a citricultura requer elevado investimento e que o retorno se dá no longo prazo. Todas as simulações realizadas indicam retorno positivo, mas é importante ponderar que a análise levou em conta uma curva de produtividade teórica, sem incluir as oscilações na produção por conta de riscos climáticos ou manejo inadequado. Além disso, em ambas as simulações, o preço foi fixo ao longo de todo o projeto, em torno de US\$ 6,00/cx para as laranjas de

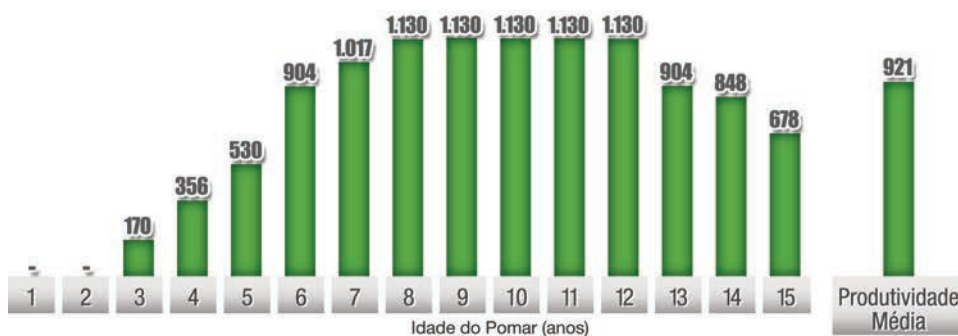
meia-estação e tardias e de US\$ 4,80/cx para as precoces.

Uma ressalva importante neste estudo é o custo de oportunidade utilizado para o cálculo do Valor Presente Líquido (VPL). Levou-se em conta uma taxa real de desconto baixa, de 2% a.a., ao longo do projeto. Por conta do retorno somente no longo prazo, é importante considerar uma taxa de desconto talvez mais elevada do que a utilizada, para cobrir todos os riscos.

Um grande desafio na análise de novos projetos na citri-

PROJETO 1: SEQUEIRO E ADENSAMENTO MODERADO

CURVA DE PRODUTIVIDADE (CAIXAS POR HECTARE)



VIDA ÚTIL:	15 ANOS
VARIEDADES:	15% PRECOCES 50% MEIA-ESTAÇÃO 35% TARDIAS
ADENSAMENTO:	PRECOCES: 472 plantas (6,5 x 3) MEIA-ESTAÇÃO: 566 pl (6,5 x 2,5) TARDIAS: 566 pl (6,5 x 2,5)

ANÁLISE DE INVESTIMENTO

Vida útil do Projeto:	15 anos
Taxa de desconto (real) %	2% a.a.
Custo médio:	R\$ 16,33
Preço médio:	R\$ 19,40
Produtividade média:	921 cxs por ha

SOMENTE APÓS 11 ANOS É POSSÍVEL PAGAR O INVESTIMENTO DO POMAR

AO FINAL DA VIDA ÚTIL, ESSE POMAR GERA INVESTIMENTO COM RENDIMENTO DE 4,2% a.a. E PRODUZ 11.055 CXS

Gera lucro de R\$ 12.761,26 (acumulado em 15 anos).
Convertendo para o presente, o valor é de R\$ 5.977,31/ha
(considerando-se taxa de desconto de 2% ao ano)

0 | 1 | 2 | 3

R\$ 21.161,20

Gasto total de investimento - pomar (R\$/ha)

11

15

Análise de investimen

No geral, os dois sistemas apresentam retorno positivo, mas somente no longo prazo. No **Projeto 1**, o retorno do investimento com o pomar de laranja é de 11 anos, com rentabilidade acumulada ao longo dos 15 anos de projeto estimada em R\$ 12.761,26 por hectare, ou R\$ 5.977,31 se convertido a valores presentes. Esse projeto propicia retorno de 4,2% a.a. (taxa real – descontada a inflação).

Se essa rentabilidade é alta ou baixa vai depender do

custo de oportunidade de quem está investindo e também do nível de risco do projeto. Se avaliados somente sobre o quesito de risco, essa rentabilidade é baixa, já que é menor até que uma rentabilidade real do CDB (Certificado de Depósito Bancário) - 4,5% a.a.- dos últimos três anos, descontada a inflação no período.

O **Projeto 2**, por ter produtividade e vida útil maiores, tem lucro mais elevado. O retorno por hectare com a reno-

PRODUTIVIDADE E PREÇOS "ELEVADOS"

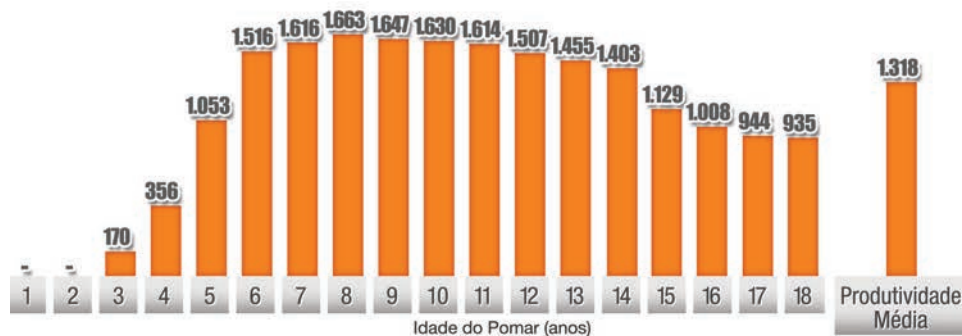
cultura é como manter o pomar economicamente produtivo ao longo da sua vida útil em meio aos impactos causados pelo HLB (*greening*) num pomar de laranja. O alto investimento inicial, por si só, não garante a produtividade almejada no projeto, e o empreendimento tem que manter um manejo muito intensivo (especialmente no controle do HLB-*greening*) para seguir com alta produtividade ao longo da vida útil. Assim, antes da reforma do pomar, é importante ter uma garantia de que o empreendimento terá caixa suficiente para manter o manejo,

independente dos preços de mercado. Um ano de adubação inadequada e/ou um controle menos intensivo do psilídeo podem comprometer todo o projeto.

Por fim, o estudo evidencia que o HLB (*greening*) não tem efeito somente nos tratos culturais. O HLB (*greening*) tem modificado a forma de gerenciar a cultura, impondo pomares altamente produtivos, de rápido retorno e com uma gestão muito eficiente do fluxo de caixa, para manter a capacidade de investimento ao longo de toda a vida útil do projeto.

PROJETO 2: IRRIGADO E ADENSADO

CURVA DE PRODUTIVIDADE (CAIXAS POR HECTARE)



VIDA ÚTIL:	18 ANOS
VARIEDADES:	15% PRECOSES 40% MEIA-ESTAÇÃO 45% TARDIAS
ADENSAMENTO:	PRECOSES: 708 plantas (6,5 x 2) MEIA-ESTAÇÃO: 767 pl (6 x 2) TARDIAS: 708 pl (6,5 x 2)

ANÁLISE DE INVESTIMENTO

Vida útil do Projeto:	18 anos
Taxa de desconto (real) %	2% a.a.
Custo operacional:	R\$ 12,55
Preço médio:	R\$ 19,40
Produtividade média:	1.318 cxs por ha

SOMENTE APÓS 8 ANOS É POSSÍVEL PAGAR O INVESTIMENTO DO POMAR

AO FINAL DA VIDA ÚTIL, ESSE POMAR GERA INVESTIMENTO COM RENDIMENTO DE 13,2% a.a. E PRODUZ 19.770 CXS

Gera lucro de R\$ 96.233,11 (acumulado 18 anos).
Convertendo para o presente, esse valor é R\$ 70.757,17/ha (considerando-se taxa de desconto de 2% ao ano)

0 | 1 | 2 | 3

R\$ 39.247,26

Gasto total de investimento - pomar + irrigação (R\$/ha)

8


18

tos dos Projetos 1 e 2

vação do pomar de laranja dá-se em menor tempo – oito anos –, resultando em lucratividade acumulada em torno de R\$ 96.233,11 ou de R\$ 70.757,17, a valores presentes. Isso equivale a um rendimento anual (real) de 13,2%. Esse rendimento, por sua vez, já é mais aceitável, levando-se em conta os riscos que a cultura pode estar exposta e um projeto de longo prazo. Quanto maior o prazo do investimento, a mais riscos o projeto está exposto. A ressalva que se faz no Projeto

2 é o desafio que a propriedade terá nos 15 anos de vida útil para manter a curva de produtividade estimada no modelo.

Nos dois casos citados, o investimento em máquinas, implementos e terra não foi computado na análise de viabilidade. A simulação atual levou em conta que toda a infraestrutura já estava na propriedade. Para novos projetos, o exercício que se deve fazer é se o VPL estimado em ambos os cenários é suficiente para pagar o patrimônio da fazenda. ■



Vamos além na proteção da sua lavoura e do seu investimento.

DuPont™ Savey® WP é um acaricida com ação sobre ovos, larvas e ninfas, possuindo efeito esterilizante sobre novas ovoposições de fêmeas adultas. É seletivo aos inimigos naturais e recomendado no manejo do citros para obter uma lavoura protegida por muito mais tempo.

Kocide® WDG possui partículas polimerizadas que fixam melhor na planta e espalham gradativamente em contato com a água. É um fungicida que controla de forma preventiva doenças fúngicas e bacterianas, além de nutrir a planta.

Com DuPont™ Savey® WP e Kocide® WDG, você mantém sua lavoura protegida, contribuindo para melhor produtividade e melhor qualidade.

Para ir além mais uma vez, descubra DuPont™ Savey® WP e Kocide® WDG.



DuPont™
Savey® WP
acaricida

Kocide® WDG
fungicida



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

As marcas com ®, ™ ou SM são marcas da DuPont ou de afiliadas. © 2016 DuPont.

Kocide® é produzido por KOCIDE LLC, headquartered at 9145 Guilford Road in the city of Columbia, Maryland 21046, U.S.A. e distribuído por DuPont do Brasil S.A. Kocide® WDG, marca registrada no ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (MAPA), como Kocide WDG Bioactive.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola

www.dupontagricola.com.br



foto: Márcio Nascimento - Piedade (SP)

Aumenta oferta da safra de inverno

Primeira etapa da colheita se intensifica

A colheita de tomate da primeira parte da safra de inverno deve ser intensificada em maio. Mogi Guaçu e Sumaré (SP) devem ofertar 29% do total da temporada durante o mês. A expectativa em Sumaré é de produtividade de cerca de 300 caixas/mil pés, resultado um pouco abaixo do normal para a região, uma vez que houve problemas no desenvolvimento das lavouras. A redução na produtividade também deve ocorrer em Mogi Guaçu, onde o calor e chuvas favoreceram o aparecimento de *Xanthomonas spp* nas lavouras. Em Araguari (MG), a produtividade da temporada de inverno também não deve ser alta, devido à baixa rentabilidade com a cultura no ano passado. São José de Ubá e Paty do Alferes (RJ) devem representar 14% da área colhida em maio, e a produtividade nessas regiões pode ser prejudicada se o clima continuar seco e quente.

São José de Ubá inicia safra de inverno e pode ter menor produtividade

São José de Ubá (RJ) deve iniciar a colheita de tomates da safra de inverno até o final de maio. A expectativa é de menor produtividade neste início de temporada, visto que o clima quente e seco favoreceu a incidência de murcha bacteriana em algumas áreas. Além de contribuir para a incidência de doenças, a falta de chuvas tem preocupado produtores de São José de Ubá, já que pode faltar água

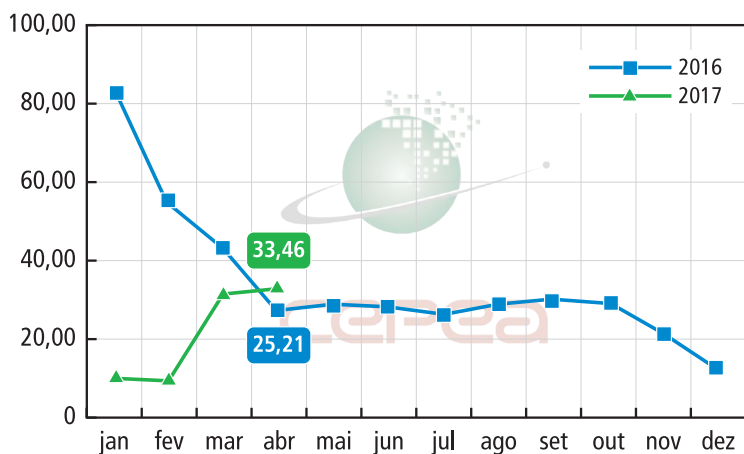
para irrigação. O pico da safra de inverno ocorre em julho e a colheita se encerra em agosto.

Safra de verão tem maior produtividade, mas rentabilidade negativa

As principais regiões produtoras de tomate da safra de verão 2016/17 devem encerrar a colheita em maio. De maneira geral, a temporada apresentou rentabilidade negativa em praticamente todos os meses da safra, e os preços fecharam acima dos custos apenas nos últimos dois meses. Isso está atrelado à maior oferta por conta produtividade elevada na temporada, já que o clima favoreceu as lavouras (chuvas regulares e calor durante esta temporada aceleraram a maturação). O transplante referente à temporada de verão 2017/18 terá início em agosto.

Com escassez hídrica, Nordeste tem redução de área

A atual falta de água no Nordeste é crítica. Na Chapada Diamantina (BA), a barragem já atingiu o volume morto e há risco de a água acabar até julho. Se esse cenário se confirmar, a área cultivada com tomate pode reduzir para 500 hectares. A escassez hídrica vem limitando não somente a produção de tomate, mas também de batata, cebola e repolho. Segundo produtores, dentre todas essas culturas, 3.000 hectares deixarão de ser plantados em 2017. Alguns produtores e empresas de tomate do Nordeste já estão se deslocando para outras regiões, como Cristalina (GO). Em Irecê (BA), onde se cultiva o tomate rasteiro para mesa, a área também deve ser reduzida. Portanto, o cenário requer atenção especial e os próximos meses serão decisivos para a agricultura do Nordeste em 2017.



Maturação acelerada faz preço subir no fim do mês

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

ERRATA

Na seção de tomate da edição de março (nº 165), no texto "Safra de verão pode encerrar com saldo negativo", a produtividade em Itapeva (SP) no início da safra de verão (novembro/16) a fevereiro/17 foi de 3.520,83 caixas/ha, 14% acima do registrado no mesmo período da temporada passada.



Curta!

/Revista Hortifruti Brasil

Uma colheita de sucesso é fruto de uma linha campeã



- ✓ INOVAÇÃO
- ✓ PRODUTIVIDADE
- ✓ SEGURANÇA



DOMINADOR F₁

- Alta resistência ao geminivírus
- Excelente sanidade de plantas
- Frutos uniformes



ITAIPAVA F₁

- Resistência ao vira-cabeça e a nematoides
- Precocidade
- Excelente tamanho do fruto e firmeza



PREDADOR F₁

- Alta resistência ao geminivírus e ao vira-cabeça
- Elevada produtividade e qualidade de fruto



PROTHEUS F₁

- Resistência ao F₃, geminivírus, vira-cabeça, nematoides e stemphylium
- Frutos grandes e mais altos
- Excelente firmeza e qualidade



SERATO F₁

- Excelente pegamento de frutos, com alto rendimento até o ponteiro
- Frutos graúdos e pesados
- Resistência a nematoides e vira-cabeça



TYSON F₁

- Resistência ao F₃, geminivírus e ao vira-cabeça
- Precocidade e alto pegamento de frutos
- Planta vigorosa e com boa resistência foliar



VENTO F₁

- Ótima tolerância a doenças foliares e a rachadura de fruto no período chuvoso
- Alto pegamento de frutos

HORTITEC 2017 Visite nosso estande e aproveite para conhecer os lançamentos e principais produtos.

21 A 23 DE JUNHO DE 9H ÀS 19H
HOLAMBRA SP - SETOR AZUL / ESTANDE 24

Na hora de plantar, escolha a marca em que **você pode confiar**

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

24 2222-9000
www.agristar.com.br



foto: Celso R. Castro - Marmelópolis (MG)

Atenções se voltam à safra das secas no Paraná e no Sudoeste Paulista

Clima chuvoso no plantio atrasa safra das secas do PR

A colheita de batata da safra das secas começou atrasada no início de maio em Curitiba (PR). Isso porque, as chuvas em janeiro impediram o plantio, concluído em fevereiro. Desta maneira, uma oferta mais expressiva deve ocorrer somente a partir de junho. Nas lavouras mais adiantadas, houve surgimento de canela-preta e larva-alfinete, em função do excesso de umidade, o que pode afetar a produtividade e a qualidade das batatas. Além disso, com a descapitalização dos bataticultores, ocasionada pelos baixos preços na safra das águas, os investimentos em fertilizantes e defensivos foram reduzidos, também influenciando na produção. Em Ponta Grossa (PR), alguns produtores tiveram que realizar o replantio, devido ao apodrecimento. A previsão é de que a colheita de batata naquela região se inicie em meados de maio. Apesar do replantio, produtores calculam que a produtividade fique em torno de 30 t/ha.

Expectativas são positivas para a safra das secas do Sudoeste

O clima no Sudoeste Paulista vem favorecendo o desenvolvimento das áreas cultivadas com batata na temporada das secas deste ano. Apenas em fevereiro, devido ao calor excessivo, alguns talhões tiveram seus brotos queimados – a estimativa é de perdas de 15% nos talhões. Já nas demais áreas, do Sudoeste Paulista, o desempenho das lavouras

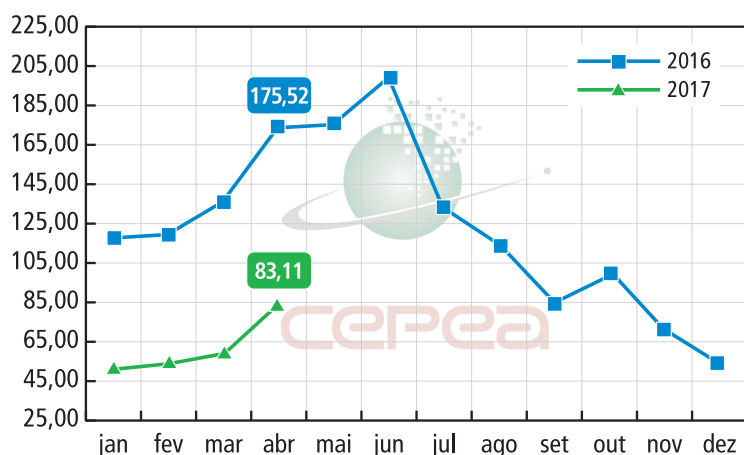
tem sido positivo, e a expectativa é de produtividade dentro da média: de 30 a 35 t/ha. O início do plantio na região começou no fim de fevereiro e seguiu até o início de maio. A colheita está prevista para começar em junho, atingindo pico de safra em julho e se encerrando em agosto.

Vargem Grande do Sul aumenta área de inverno e MG reduz

A safra de inverno em Vargem Grande do Sul (SP) tem se desenvolvido satisfatoriamente até o início de maio. O clima no Cerrado Mineiro (onde parte da semente utilizada na safra paulista é produzida) durante a safra das águas 2016/17 foi benéfica à produção de sementes. O plantio, que começou em março, deve ser finalizado ainda neste mês. A expectativa é de aumento de área na região neste ano, já que, até o fechamento desta edição, havia um bom volume de semente armazenada nas câmaras frias. No Cerrado Mineiro, o plantio da temporada das secas/inverno também se iniciou em março. Entretanto, a área pode ser menor em 2017 naquela região, devido aos baixos preços durante a temporada das águas.

Safra das águas se encerra com rentabilidade apertada

Na safra das águas 2016/17 (novembro/16 a abril/17), as cotações estiveram em patamares abaixo dos custos de produção para a maior parte dos produtores, diante da produtividade acima da média. Na temporada, o preço da ágata beneficiada já ponderado pelo calendário de colheita e classificação fechou em R\$ 36,14, 17,5% abaixo dos custos (R\$ 43,85/sc). Na safra das águas, houve ligeiro aumento de 4% na área ao mercado *in natura*. Água Doce (SC) e Cerrado Mineiro, que colhem significativo volume a partir de abril, devem fechar com melhores resultados. Guarapuava (PR) finalizou com resultados negativos na primeira parte da safra, mas, na segunda, a rentabilidade deve ser positiva.



Com fim da safra de verão, preço sobe em abril

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Mateus G. Riva - Ipê (RS)

Mercado deve ter boa oferta em maio

No Cerrado, produtividade e qualidade estão elevadas

A expectativa para maio é de alta produtividade no Cerrado Mineiro, já que as lavouras de cenoura estão com bons desenvolvimentos e qualidade. Neste cenário, não são esperados preços muito altos, mas eles devem se manter acima dos custos de produção. As boas produtividades e qualidade ocorrem desde abril, quando não houve mais bifurcação e mela, conforme registrado nos primeiros meses do ano. Com a diminuição do uso de defensivos em abril diante do clima mais favorável, os custos diminuíram 14% em março e abril. As cotações também caíram, uma vez que houve mais oferta. O preço médio da caixa de 29 kg “suja” foi 11,5% inferior em abril na comparação com março, a R\$ 18,77. Apesar disso, os valores ainda fecharam 30% acima dos custos de produção no mês passado. Os preços mais baixos e a boa qualidade da cenoura do Cerrado atraíram compradores de outras regiões.

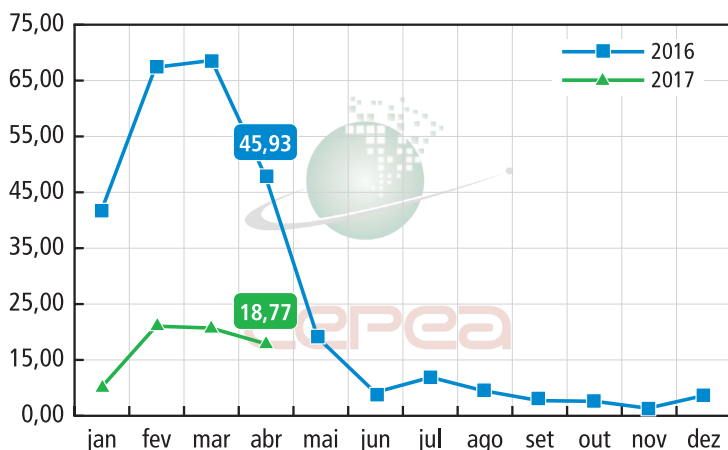
Oferta aumenta e preços caem no PR

Em maio, a disponibilidade de cenouras deve ser maior em Marilândia do Sul (PR), já que as lavouras estavam com desenvolvimento satisfatório no início do mês. Até a primeira quinzena de abril, a produtividade ainda era baixa, pois parte das cenouras colhidas nesse período foi plantada em período chuvoso e se desenvolveram com temperaturas bastante elevadas. Com isso, as raízes

estiveram com menores calibre e comprimento e apresentaram manchas, resultando em descarte de até 40% em alguns talhões. Apesar dos problemas no início do mês, a produtividade em abril foi de 50 t/ha, 39% maior que em março. A produtividade foi se recuperando na segunda quinzena do mês e, com o aumento do volume ofertado em Marilândia, muitos produtores voltaram a comercializar cenouras “sujas”, já que até o início de abril a preferência foi por atender compradores com cenouras lavadas. Dada a maior disponibilidade, as cotações da caixa de 29 kg da cenoura “suja” caíram 14% em abril sobre o mês anterior, fechando a R\$ 20,27, mas 35% superiores às estimativas de custos de produção – que reduziram 23% em relação a março, projetados em R\$ 13,00/cx.

Falta de chuva continua castigando produção baiana

A oferta de cenouras continuou bastante baixa em abril em Irecê (BA), e tudo indica que a produtividade não deve melhorar em maio. No início do mês passado, a chuva que ocorreu na região deixou produtores mais esperançosos quanto à produção, uma vez que conseguiram irrigar mais adequadamente, permitindo ofertar cenouras de melhor qualidade e, inclusive, com preços mais elevados. No entanto, o volume de precipitações não foi suficiente para elevar os níveis dos lençóis freáticos de forma satisfatória e, com a seca e as elevadas temperaturas nas semanas seguintes à chuva, tanto a qualidade quanto a produtividade voltaram a cair. Houve, ainda, proliferação de lagartas de solo e nematoides, resultando em casos de até 50% de descartes em algumas lavouras. Em abril, foram colhidas, em média, 37 t/ha, volume muito próximo ao observado em março, quando ocorreram os mesmos problemas em Irecê, mas 6% menor que o observado em abril de 2016. Apesar da baixa oferta, as cotações não subiram devido à maior disponibilidade em outras praças. A caixa de 20 kg da raiz “suja” foi vendida na média de R\$ 17,00 em Irecê em abril, valor que ainda cobria os custos de produção, estimados em R\$ 10,66.



Melhor produtividade reduz preço em abril

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea





foto: Matheus Nitta - Barueri (SP)

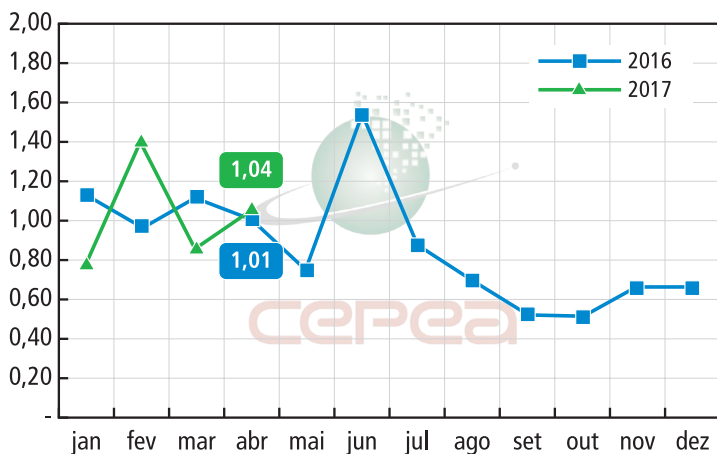
Produtores intensificam transplântio da safra de inverno

Safra verão deve encerrar com preços menores que há um ano

O transplântio das mudas da safra de inverno 2017, que começou em abril, deve ganhar ritmo em maio em todas as praças acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, se estendendo até outubro – Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP), Mário Campos e Caeté (MG) e Teresópolis (RJ). Por enquanto, o desenvolvimento das folhosas de inverno é considerado satisfatório, com a colheita das primeiras áreas devendo iniciar em junho. Nesta temporada, o ciclo passa a ser de dois meses em vez de 30 dias como no verão, visto que temperaturas mais baixas favorecem o cultivo de hortaliças. Nesse cenário, a produtividade também tende a ser maior no inverno. Ao mesmo tempo, se combinado à alta umidade, o frio pode elevar a incidência do míldio. A expectativa inicial é que a área destinada ao cultivo de alface não se altere em relação ao ano anterior. A temporada de verão 2016/17 de alface, iniciada em novembro/16, deve se encerrar até o final de maio com preços menores que os registrados há um ano. Em abril, a alface crespa foi cotada por R\$ 0,60/unidade na região de Mogi das Cruzes (SP), aumento de 7% em relação ao mês anterior, mas 35% de queda no comparativo com abril/16.

Clima prejudica americana e preços sobem em abril

A forte oscilação das temperaturas em um mesmo dia prejudicou a qualidade das folhosas em Mogi



Clima estimula queda na oferta e aumento de preço

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade



Fonte: Cepea

das Cruzes e Ibiúna (SP) no correr de abril. A alface americana foi a mais afetada por apresentar maior sensibilidade ao clima em relação à crespa e à lisa. Com má formação, muitos pés tiveram que ser descartados, reduzindo a oferta disponível e elevando as cotações da variedade. Em abril, o valor médio da alface americana em Mogi das Cruzes foi de R\$ 1,23/unidade, aumento de 102% sobre março. Nas lavou- rras de Teresópolis (RJ), a americana também apresen- tou problemas decorrentes das manhãs frias e tardes quentes. A cotação média da variedade foi de R\$ 0,85/unidade, 67% acima dos custos de produção, estimados em R\$ 0,61/unidade. As demais variedades também tiveram preços mais elevados, impulsiona- dos também pelas condições climáticas. Em Ibiúna, a crespa teve cotação média de R\$ 10,13/cx de 20 unidades, redução de 23% em relação a março. Para maio, a oferta pode aumentar, com as temperaturas mais baixas e clima seco.

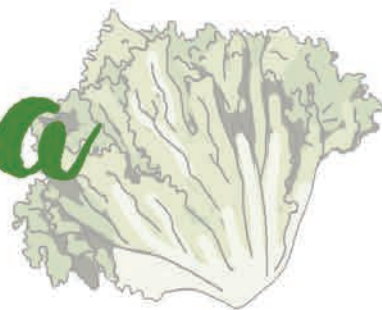
Clima deve elevar oferta de alface em MG

As temperaturas mais amenas ao longo de abril em Mário Campos (MG) e Caeté (MG) contribuíram para a melhora na produção de alface nessas regiões, que vinha sendo prejudicada pela incidência da praga tripses, transmissora do vira-ca- beça. O volume ofertado, porém, seguiu restrito, sendo necessário continuar adquirindo folhosas da região de Teresópolis (RJ). Diante a disponibilidade limitada, os preços em MG seguiram superiores aos das demais regiões. Em abril, a alface crespa foi cotada a R\$ 16,68/cx de 20 unidades, na média das praças mineiras acompanhadas. Para maio, a expectativa é que a oferta aumente com mais expressividade, diante da tendência de dias mais frios, que reduz a proliferação do inseto. Na última semana de abril, os preços tiveram forte queda em relação aos registrados no início do mês. O motivo da desvalorização foi devido à melhora na produção a partir desta semana, a cotação foi de R\$ 12,04/cx de 20 unidades naquela semana, queda de 30% em relação ao início de abril.



ALFACE

Crespa



Ariana

Plantas:

- Porte grande
- Eretas
- Tropicalizadas

Folhas:

- Crespas
- Coloração: verde

Época de cultivo: Todo ano**Ciclo:** 35 a 60 dias após o transplante**Tolerâncias/Resistências:** Pendoamento precoce, DM, TB

Neiva

Plantas:

- Precoce
- Rústicas
- Tropicalizadas

Folhas:

- Crespas
- Coloração: verde escuro

Época de cultivo: Todo ano**Ciclo:** 35 - 45 dias após o transplante**Tolerâncias/Resistências:** Pendoamento precoce, TB

Soraia

Plantas:

- Tropicalizadas
- Grande adaptação de cultivo
- Porte Grande

Folhas:

- Elevada crespicidade
- Coloração: verde claro

Época de cultivo: Todo ano**Ciclo:** 35 a 50 dias após o transplante**Tolerâncias/Resistências:** DM, TB, pendoamento precoce

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(054) 2109.4444
www.sementesfeltrin.com.br



foto: José Guimarães - João Dourado (BA)

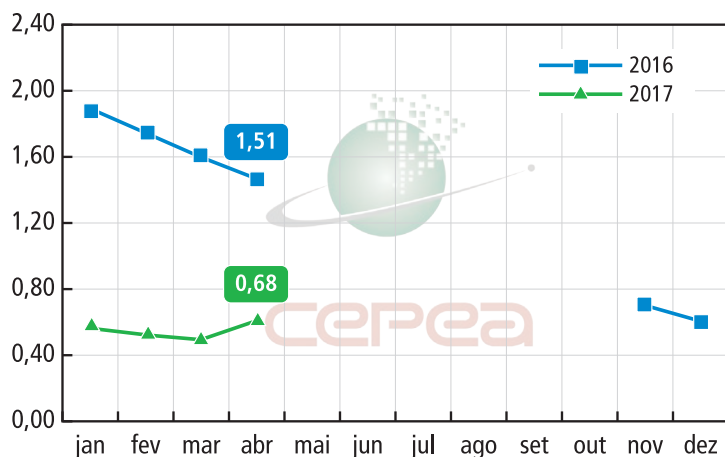
Cerrado e SP devem aumentar oferta em maio

Cerrado dá início à colheita

A colheita de cebola da safra 2017 do Cerrado está prevista para iniciar em maio, devendo se estender até novembro. O volume colhido ainda deve ser baixo neste mês: de 5% do total estimado no Triângulo Mineiro (MG) e de 4% em Cristalina (GO). Na praça goiana, a seca desde a finalização da temporada anterior deixou produtores cautelosos durante o plantio desta safra, com a área cultivada reduzindo 12% sobre a do ano passado. Mesmo com dificuldades em relação à irrigação, o desenvolvimento das cebolas estava satisfatório até o início de maio, com expectativa de boa produtividade. Os baixos patamares de preços em 2016 reforçaram a queda no plantio. Na média da safra (maio a novembro/16), a cotação em Cristalina foi de R\$ 0,84/kg da caixa 3 beneficiada (ponderada pelo calendário de colheita), apenas 26% acima dos custos, estimados em R\$ 0,62/kg no período. No Triângulo Mineiro, a área cultivada deve reduzir 8% nesta safra, por conta da rentabilidade pouco satisfatória obtida no ano passado. Na temporada mineira (maio a novembro), a cotação média foi de R\$ 1,01/kg da caixa 3 beneficiada (ponderada pelo calendário de colheita), 54% maior que os custos de produção.

Safra de bulbinhos começa em SP

A colheita de cebola bulbinho começa em maio nas praças paulistas de Divinolândia e Piedade com mesma área da temporada anterior. O cultivo das mudas ocorreu de agosto a novembro de 2016



Recuperação dos preços no Sul não cobre gastos da safra

Preços médios recebidos por produtores de Itaporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

e, o transplante, entre fevereiro e março de 2017. O desenvolvimento dos bulbos esteve favorável até o início de maio, e as chuvas da última semana de abril não prejudicaram a produção. A expectativa é que a produtividade desta safra permaneça nos altos patamares do ano passado, de 38 toneladas por hectare em média, em Divinolândia e de 40 toneladas por hectare em Piedade. A média de preços no mês de maio foi satisfatória, com média de R\$ 2,27/kg ao produtor. Contudo, no mês de junho a cotação caiu para R\$ 0,81/kg, 64% menor que em maio. A desvalorização do bulbo é explicada pela maior oferta nacional no período. O calendário de oferta nas regiões paulistas deve seguir até julho.

Importações de cebola argentina e europeia se intensificam

As importações brasileiras de cebola da Argentina e da Europa devem ser intensificadas em maio, visto que a oferta do Cerrado e de São Paulo ainda não será tão volumosa. Além das cebolas argentinas, que tradicionalmente têm grande participação nas gôndolas brasileiras nesta época do ano, o bulbo holandês e espanhol também está entrando no País, devido aos preços atrativos a importadores. Com a finalização da safra do Sul e a consequente menor oferta doméstica disponível, o Brasil começou a importar cebolas da Europa e Argentina em abril. Mesmo assim, o volume trazido do país vizinho e da União Europeia ainda é baixo em relação ao ano anterior, quando a quebra de safra sulista elevou os pedidos. Segundo o *Fresh Plaza*, em 2016 o Brasil foi o segundo maior comprador de cebolas holandesas do mundo, atrás apenas de Senegal. Como neste ano o cenário de baixo volume nacional não se repetiu, visto a elevada oferta sulista do bulbo, as comercializações europeias foram fracas sem os pedidos brasileiros. Entre março e abril de 2017, foram importadas 12 mil toneladas de cebola europeia, segundo dados da Secex, 85% a menos que em igual intervalo de 2016 (83 mil toneladas). Já a importação da cebola argentina caiu 83% entre abril e maio de 2017 com relação ao mesmo período do ano passado.



Acesse!
hfbrasil.org.br



Mesmo com maior disponibilidade, preços não devem cair como em 2016

O volume de melão deve aumentar no Vale do São Francisco em maio, o que pode restringir a valorização da fruta. No entanto, a possibilidade de falta de água para irrigação na região nos próximos meses deve limitar a oferta na comparação com o mesmo período de 2016, resultando em preços mais estáveis. Em abril, o melão amarelo dos tipos 6 e 7 foi comercializado a R\$ 22,20/cx de 13 kg no Vale, alta de 5% frente a março. A recorrente falta de chuva desestimulou o plantio, já que acarretou em problemas no preparo do solo e na irrigação. Nesse cenário, a produtividade e a qualidade da fruta também foram afetadas, levando à maior incidência de melões miúdos. A oferta restrita no Rio Grande do Norte/Ceará em maio também deve contribuir para a estabilização das cotações no Vale.

Chuvas podem continuar escassas no Nordeste

Sem a influência da *La Niña* ou *El Niño* no Brasil durante o outono e o inverno de 2016, produtores de melão esperavam que um maior volume de chuvas em 2017 normalizasse os reservatórios. No entanto, a previsão climática do Ceptec/Inpe para o Nordeste indica volume de chuvas abaixo do normal no trimestre abril/maio/junho de 2017. Portanto, as precipitações devem ficar abaixo de 359 mm em Mossoró (RN) e de 120 mm em Petrolina (PE), médias históricas dessas cidades. Nos últimos

anos, o clima quente e seco afetou a qualidade e a produtividade da fruta em ambas as regiões. Apesar de já ter chovido 449 mm em Mossoró e 97,6 mm em Petrolina neste ano (de janeiro a abril, segundo o INMET), o volume não foi suficiente para reverter o cenário. Vale ressaltar que, em Mossoró, já choveu mais entre janeiro e abril deste ano do que ao longo de todo o ano de 2016.

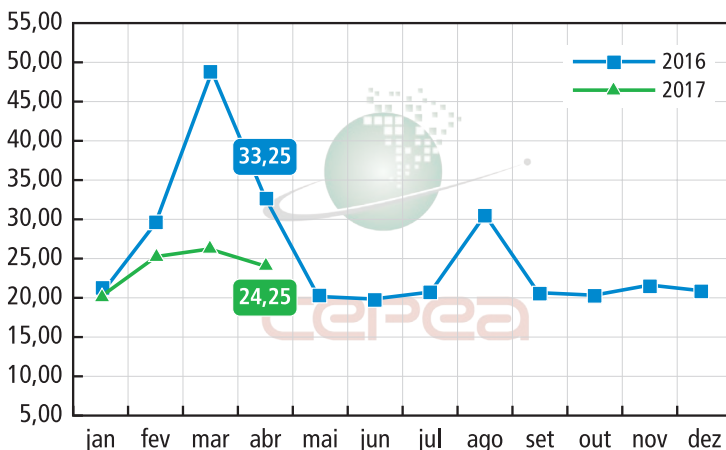
Preparação para exportações tem início no RN/CE

O planejamento para a temporada de exportações já se iniciou nas regiões produtoras do Rio Grande do Norte/Ceará, enquanto a preparação do solo começa em maio. O início da colheita está previsto para final de julho/início de agosto, quando também ocorrerão os primeiros embarques da temporada 2017/18. Quanto à comercialização, produtores esperam boa rentabilidade, embora as alterações dos preços dependam do câmbio, definido em contrato, e da demanda, sobretudo do mercado europeu. Os primeiros contratos já foram negociados com importadores.

Atividades de colheita começam na Espanha

Com quase um mês de atraso, a colheita de melões começou na região de Almeria, na Espanha. Neste ano, a área plantada com a fruta nessa praça espanhola deve ser 14% menor frente à do ano passado, totalizando 2.340 hectares, segundo o *Fresh Plaza*. Em contrapartida, a área de melancia vem aumentando em toda Espanha, impulsionada pela crescente demanda na Europa. Em abril, apenas a América Central abasteceu o bloco com a fruta, garantindo bons patamares de preços. Mesmo assim, o valor do melão cantaloupe tipos 5 e 6 da Costa Rica teve média de US\$ 8,20/cx de 5 kg no porto de Roterdã (Holanda) em abril, baixa de 9% frente a março, segundo dados do AMS/USDA (Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).

Oferta no Vale deve aumentar em maio



Com baixa qualidade, preços caem na Ceagesp

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Avelino D. Ferreira - Novo Horizonte (SP)

Avança a colheita de precoces

Processamento se intensifica nas indústrias paulistas

As grandes processadoras paulistas devem intensificar a moagem de laranjas da safra 2017/18 em maio, com o avanço da colheita de precoces. Ainda que as atividades não tenham sido interrompidas no período de entressafra, os volumes recebidos no spot eram pequenos, restringindo-se às frutas com maturação adiantada. No início de maio, quatro unidades das grandes indústrias estavam em operação, remunerando, no spot, entre R\$ 16,00 e R\$ 18,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica. Já as processadoras menores ofereciam valores até R\$ 23,00/cx. As remunerações, ainda baixas se comparadas aos primeiros contratos negociados em outubro/16 (entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00), sinalizavam que os patamares anteriores poderiam ter sido o teto de comercialização, ao menos para o início desta nova temporada. Conforme avança a safra, porém, os valores podem ser readequados, de acordo com o volume de fruta disponível.

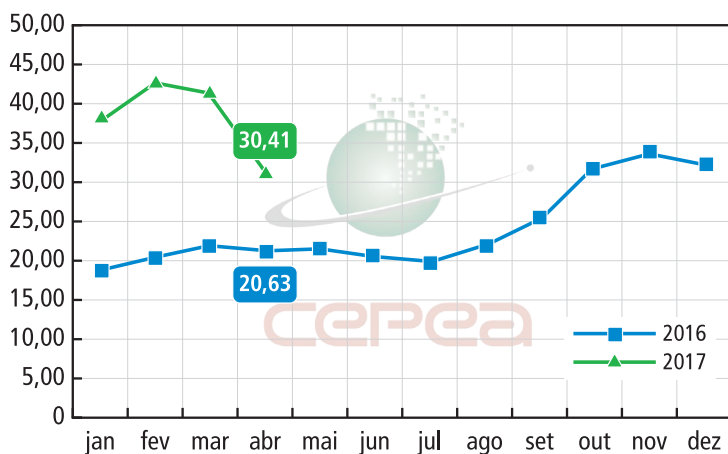
Maior safra pode limitar valorização da laranja em 2017/18

A recuperação esperada na produção da safra 2017/18 pode limitar valorizações da laranja nesta temporada. Segundo o Fundecitrus, São Paulo e Triângulo Mineiro devem colher 364,47 milhões de caixas, aumento de 49% em relação à safra anterior. Além do clima favorável, a retomada dos investimentos em tratos culturais contribuiu para

eleva o volume produzido, bem como o patamar médio de produtividade, calculado em 2,09 cx/planta, 49% maior que em 2016/17. Assim, pode ocorrer uma reação dos níveis de suco armazenado no fim da temporada (junho/18), principalmente se houver melhora no rendimento industrial das laranjas, que esteve entre os piores patamares da história em 2016/17. Segundo agentes, as primeiras frutas de 2017/18 já indicam maior qualidade para processamento. Mesmo com a previsão de recuperação nos estoques finais de 2017/18, o volume ainda deve ser bem inferior ao registrado em anos recentes, sem grandes excedentes de suco. De qualquer forma, a correlação negativa existente entre estoques e preços da laranja deve resultar em valor médio no *spot* semelhante ou menor que o verificado em 2016/17; ainda assim, mais satisfatório que os da citricultura recente.

Aumento de oferta mantém pressão sobre mercado de mesa

A intensificação da colheita de laranjas da nova safra (2017/18) nos pomares de São Paulo na segunda quinzena de abril manteve em queda os preços de todas as variedades de mesa, cenário que deve permanecer em maio. Embora a comercialização das precoces rubi, hamlin e westin venha ocorrendo desde meados de fevereiro (um mês antes do verificado em 2016/17), as frutas ainda não haviam atingido o estágio de maturação mais próximo do demandado pelo mercado de mesa. Assim, para maio, agentes do setor acreditam que, com a melhora da qualidade dos frutos, a oferta aumente ainda mais, derrubando com mais força os valores. A pressão pode ser ainda maior se produtores sem contrato limitarem os envios às processadoras, mantendo um volume significativo no segmento *in natura*. Também com a colheita intensificada no fim de abril, a baía foi uma das variedades mais demandadas no mercado de mesa (juntamente com a rubi) no período, por apresentar sabor e qualidade superiores às outras. Em abril, a cotação média da baía foi de R\$ 32,77/cx de 40,8 kg, na árvore, 35% maior que a do mesmo período do ano passado, em termos nominais.



Maior oferta de precoces pressiona preço da pera

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea





foto: Nicole Carvalho - Vacaria (RS)

Colheita termina no Sul

Safra 2016/17 é maior que a anterior

A colheita da maçã fuji da safra 2016/17 deve ser finalizada em maio nas regiões produtoras do Sul do País – as atividades com a gala terminaram em abril. A colheita da fuji esteve atrasada em algumas regiões devido às chuvas registradas em abril. Além disso, a falta de espaço para armazenamento nas câmaras, que estavam ocupadas pela gala de “rapa”, também interferiu no encerramento das atividades de campo da fuji. O volume colhido nas regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea foi maior que o da safra passada para ambas as variedades – o maior tamanho da fruta ajudou, o que também aumenta a quantidade necessária de bins. A produção neste ano deve ser considerada uma recuperação frente à quebra de safra de 2015/16, já que a temporada 2016/17 deve fechar com números semelhantes a 2014/15. O inverno mais favorável à produção em 2016 e as chuvas ideais e sem granizo foram importantes para estimular o crescimento e a qualidade da maçã, condições que permitiram uma safra mais volumosa em 2017.

Mercado deve se recuperar em maio

Agentes têm expectativa de que o mercado de maçã seja mais aquecido neste mês, com recuperação das vendas e dos preços. Um dos motivos é que o volume ofertado pode diminuir, já que, com a finalização da colheita dos pequenos produtores, estes não devem ter mais maçã para colocar no mercado. O

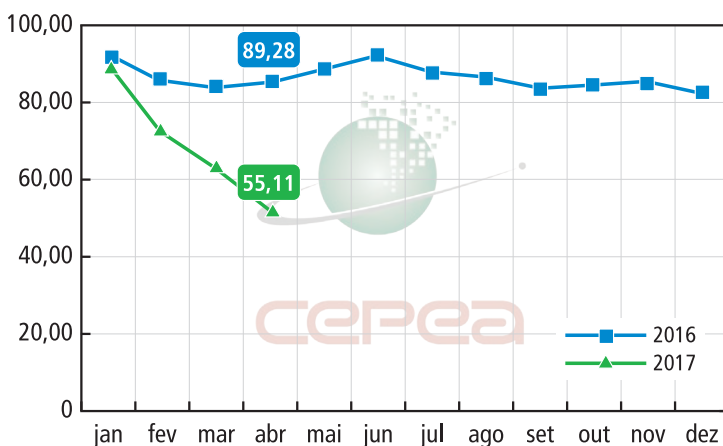
mês de abril foi marcado por comercialização lenta, que, por sua vez, foi reforçada pelos sucessivos feriados, quando consumidores buscam outros produtos. O mercado desaquecido e a elevada oferta no mês passado fizeram com que a maçã se desvalorizasse.

Ao contrário do esperado, exportações recuam

No primeiro quadrimestre deste ano, os embarques brasileiros de maçã totalizaram 22,1 mil toneladas, redução de 14,9% se comparados aos do mesmo período de 2016, de acordo com a Secex. A expectativa inicial, no entanto, era de maior volume enviado ao mercado externo neste ano devido à recuperação na produção do Sul do País. Essa redução nas vendas externas pode ter sido causada por problemas de contrato de grandes empresas exportadoras, que não foram compensadas pelo aumento nos embarques de outras empresas menores. Entre janeiro e abril, o maior importador das frutas brasileiras foi Bangladesh, que comprou 5,6 mil toneladas, cerca de 25,7% do volume total exportado pelo País.

Após alta no início de 2017, importações podem diminuir

As importações brasileiras de maçã podem ser menos frequentes nos próximos meses com os contratos da safra 2016/17, já que a oferta interna da fruta está elevada, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. Porém, o volume comprado entre janeiro e abril aumentou 6,8% na comparação com o mesmo período do ano passado, totalizando 28,5 mil toneladas, segundo a Secex. O aumento das importações nesse período pode estar relacionado aos acordos realizados em 2016 que ainda estão em vigor, sobretudo de países europeus. Além disso, as compras de pera, principal concorrente da maçã, somaram 55,9 mil toneladas nos primeiros quatro meses de 2017, 9,2% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. A queda das importações de pêssegos (43,6%) não compensou o aumento das compras de peras – foram adquiridas 2,7 mil toneladas no período.



Demanda enfraquecida e alta oferta pressiona preços

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Samuel Reis - Pirapora (MG)

BA e SP finalizam colheita e oferta pode diminuir

Fruta de GO deve abastecer atacado em maio

Com a finalização da safra de melancia da Bahia e da safrinha de São Paulo, a região de Uruana (GO) deve ser a principal a abastecer a Ceagesp de maio a agosto, segundo colaboradores da equipe Hortifruti/Cepea. Assim, mesmo com o aumento de área previsto na região, são esperados bons patamares de preços ao produtor local nos próximos meses. Além do período de oferta exclusiva, a melancia produzida em Uruana tem qualidade e tamanho dentro do padrão procurado por consumidores, o que pode beneficiar a comercialização. Produtores goianos iniciaram a colheita em abril focados no abastecimento do mercado local até a finalização da temporada baiana, no começo de maio. No entanto, na última semana de abril, já havia algumas frutas de Goiás no atacado da capital paulista, dada a oferta reduzida nas outras regiões.

Safrinha paulista se aproxima do fim

Produtores de melancia do interior de São Paulo devem finalizar a colheita da safrinha em maio. A região de Marília (SP) já havia encerrado as atividades no fim de abril, com produtividade média de 25 t/ha no balanço da temporada (de fevereiro a abril), 46,5% inferior à temporada passada. No mesmo período, o preço médio recebido nessa região foi de R\$ 0,50/kg, 22% superior aos custos unitários de produção. No geral, a safra paulista foi conside-

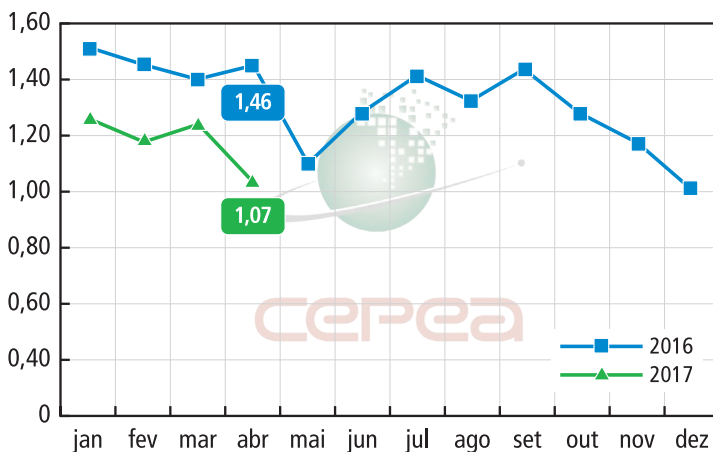
rada boa, com poucos problemas na qualidade das frutas. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a queda na produtividade foi resultado da maior quantidade de melancias médias e miúdas, devido ao tempo seco durante o cultivo. Em Itápolis (SP), a oferta já era reduzida em abril, com o término da colheita previsto para o início de maio.

Produtores baianos finalizam colheita

A colheita de melancia em Teixeira de Freitas (BA) se encerrou em abril com resultados satisfatórios, principalmente na segunda parte da temporada 2016/17 (fevereiro a abril). A qualidade foi considerada boa, e a produtividade da segunda parte da safra superou em 11,5% o mesmo período da temporada anterior, com média de 54t/ha. No geral, os custos de produção caíram 8,8% em relação a 2015/16, permitindo rentabilidade positiva – os preços superaram em 90% os custos na média da safra. O plantio escalonado na segunda parte da temporada contribuiu para uma menor concentração de oferta, reduzindo oscilações nos preços. Os preparativos de plantio para a próxima safra de Teixeira de Freitas têm início em agosto.

Demanda europeia segue a todo vapor

As melancias produzidas na Espanha e na América Central já chegaram ao mercado europeu. Segundo o *Fresh Plaza*, em Almeria, investimentos na cultura elevaram a produção em 2% na safra, totalizando 540 mil toneladas. A Costa Rica exportou 47 mil toneladas de melancia à Europa no primeiro trimestre, com as vendas desse e de outros países da América Central seguindo até setembro. Neste ano, os embarques aos europeus estão maiores que em 2016, impulsionados pela boa qualidade da fruta e pela tendência de comercialização em pedaços, que aumenta a demanda. A temporada de exportação brasileira está prevista para iniciar em agosto.



Aumento na oferta pressiona cotações
Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea



Maior conservação no pós-colheita: garantia de polpa firme e crocante da colheita à mesa do consumidor.

Escolha Manchester, o híbrido
mais cultivado do Brasil.



Manchester

syngenta.



foto: Douglas Andrade - Lagoa Formosa (MG)

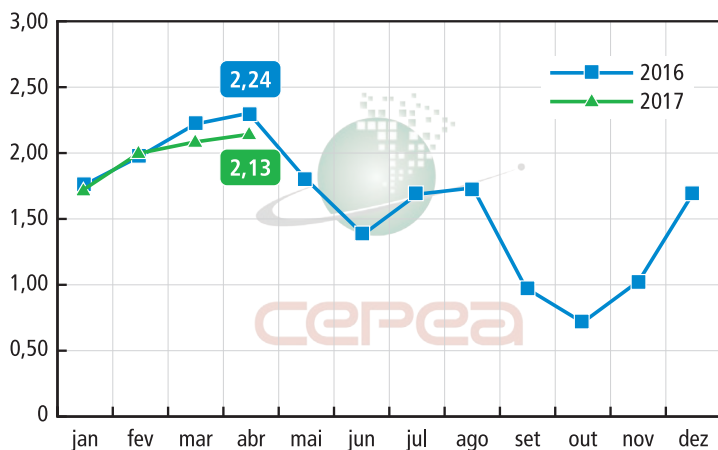
Após alta, preços podem cair no Sul e no Sudeste

Oferta de nanica deve aumentar em maio

Os preços da banana nanica podem cair em maio no Norte de Santa Catarina e no Vale do Ribeira (SP), já que a disponibilidade da fruta deve aumentar nessas regiões produtoras. Inicialmente, produtores esperavam um aumento da oferta em abril, mas a nebulosidade durante boa parte do mês passado reduziu o fotoperíodo, afetando o ritmo de maturação dos cachos e a engorda da fruta. Nesse cenário, a disponibilidade de nanica no norte de SC e no Vale do Ribeira seguiu baixa em abril, impulsionando as cotações. Em abril, a banana nanica do Vale foi comercializada a R\$ 1,42/kg, alta de 2% ante março. A fruta de SC, por sua vez, seguiu com preços em altos patamares, principalmente em relação a 2016. Entre janeiro e abril deste ano, os valores praticados pelos bananicultores de SC estiveram 50% acima das cotações do primeiro quadrimestre do ano passado, a R\$ 0,94/kg.

Exportações ao Mercosul podem se recuperar em maio

Com a previsão de maior oferta no norte de Santa Catarina em maio, as exportações de banana ao Mercosul tendem a crescer, já que as cotações da fruta brasileira podem ficar mais competitivas no mercado internacional. Como os preços nacionais estiveram em patamares elevados de janeiro a abril, os envios de banana ao Uruguai e à Argentina – únicos compradores do bloco sul-americano – foram lentos



no período. No primeiro quadrimestre do ano, esses dois países importaram 4,2 e 1,4 mil toneladas do produto brasileiro, respectivamente quedas de 68% e 85% frente ao mesmo período de 2016, segundo a Secex. Esses importadores preferiram comprar a fruta de outros fornecedores associados do Mercosul, como Equador e Bolívia, por conta dos preços mais atrativos, apesar da maior distância. No entanto, dados do Serviço de Sanidade e Qualidade Agroalimentar da Argentina (Senasa) indicam que as importações totais de banana do país diminuíram 53% no primeiro bimestre. Esse cenário demonstra que não foi apenas o maior preço da fruta brasileira que reduziu as compras do produto nacional, mas também a menor demanda argentina. Nesse cenário, as aquisições argentinas das frutas do Brasil e da Bolívia foram as mais afetadas nos dois primeiros meses do ano, seguidas pelas importações do Equador, com redução de 23%, e do Paraguai, onde a queda foi de 47%. Considerando também as exportações da banana brasileira à União Europeia, os envios totais do Brasil recuaram fortemente neste início de ano.

Vale do SF pode ter novo aumento de área em 2017

Produtores de banana do Vale do São Francisco (BA/PE) estão animados com a rentabilidade que a cultura vem gerando nos últimos anos e pretendem investir em área em 2017. No entanto, a crise hídrica e o baixo volume dos reservatórios da região podem limitar os investimentos. Para que a área no Vale seja ampliada, a produtividade e a rentabilidade devem seguir positivas, como em 2016, quando a área destinada à produção de banana no Vale do SF aumentou 36,4% frente a 2015. Por enquanto, as cotações da prata anã na região nordestina não têm sido muito diferentes das praticadas no ano passado, apresentando uma ligeira queda de 3% no acumulado de janeiro a abril – a média nesses meses de 2017 foi de R\$ 1,97/kg. A oferta da prata no Vale do São Francisco costuma concentrar-se no segundo semestre, quando a produtividade e os valores são fatores determinantes para a tomada de decisão de bananicultores com relação a investimentos futuros.

Preço da prata anã continua firme no Vale do São Francisco

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco pela prata anã - R\$/kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Francisco D. Jr. - América Dourada (BA)

Oferta deve ser elevada em maio

Clima favorece produção e preço cai

Os preços dos mamões havaí e formosa caíram em abril, devendo seguir em queda em maio. A pressão vem do considerável aumento da oferta nas regiões produtoras, exceto no Rio Grande do Norte. Segundo colaboradores da equipe Hortifruti/Cepea, o clima favoreceu a antecipação da colheita na segunda quinzena de abril, elevando a disponibilidade da fruta. Do lado da demanda, os feriados do último mês limitaram o consumo. Assim, atacadistas diminuíram os pedidos de mamão, causando perdas nas roças, sobretudo do formosa, que estava muito graúdo e dificilmente é aceito pelo mercado com essa característica. No Norte de Minas Gerais, a variedade foi comercializada a R\$ 0,61/kg em abril, baixa de 39% em relação ao mês anterior. Na Ceagesp, a fruta se desvalorizou 25% em igual comparativo, a R\$ 19,58/cx de 13 kg.

Rentabilidade deve voltar a ser negativa em maio

Após obterem rentabilidade unitária positiva em março e abril, produtores de mamão devem voltar a registrar preços abaixo dos custos em maio, devido ao aumento da oferta. Em abril, os ganhos já foram limitados pelo maior volume disponibilizado na segunda quinzena. Na média das regiões acompanhadas pela equipe Hortifruti/Cepea (exceto o RN), o havaí tipo 12 a 18 foi comercializado a R\$ 0,56/kg em abril, valor apenas 14% maior que o mínimo

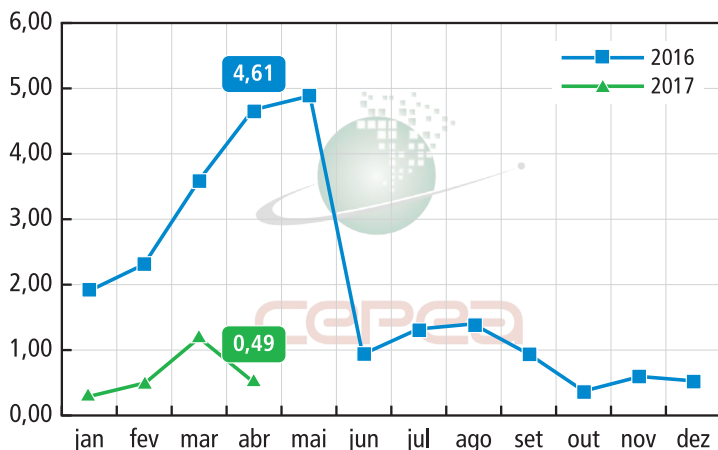
estimado para cobrir os custos de produção do mês. O formosa foi vendido por R\$ 0,64/kg, 33% maior na mesma comparação. De outubro/16 a fevereiro/17, a rentabilidade unitária do mamão havaí foi negativa, o que pode frear investimentos na variedade.

Havaí fica longe dos altos preços de 2016

Os preços do mamão havaí no primeiro quadrimestre do ano foram bem mais baixos que no mesmo período do ano passado. De janeiro a abril, o mamão havaí tipo 12 a 18 foi cotado na média de R\$ 0,61/kg no Sul da Bahia, 79% abaixo do primeiro quadrimestre de 2016. Os menores patamares se devem ao maior volume ofertado na região neste ano, resultado dos elevados preços de 2016, que estimularam o cultivo da variedade. Além disso, a comercialização tem sido aquém do esperado, pressionando ainda mais as cotações. Para o segundo semestre, a expectativa é de que os valores se recuperem, refletindo a típica redução da oferta do havaí.

Mercado externo segue atrativo ao setor

As exportações brasileiras de mamão devem seguir elevadas em maio. Isso porque a demanda da União Europeia está cada vez maior, principalmente devido ao aumento das temperaturas no Hemisfério Norte. Em abril, os envios continuaram crescendo também como reflexo da baixa demanda no mercado brasileiro. Contudo, como solução para o maior volume de mamão presente no País, houve a entrada de novos produtores exportadores no mercado, o que acabou pressionando as cotações dos mamões para o mercado internacional. No acumulado do primeiro quadrimestre, as exportações somaram 15,7 mil toneladas, volume 20% maior que o do mesmo período do ano passado, conforme dados da Secex. Em receita, os envios totalizaram US\$ 16,2 milhões de janeiro a abril, aumento de 10% em igual comparativo, ou R\$ 50,8 milhões, queda de 10%.



Com oferta elevada, havaí fica longe dos preços de 2016

Preços médios recebidos por produtores do Sul da Bahia pelo mamão havaí, em R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: César Denardi - Pinheiro Preto (SP)

Campinas intensifica colheita da safra temporã

Em maio, produtores da região de Campinas (SP) devem intensificar a colheita da niagara, elevando a oferta. Ainda assim, a expectativa é positiva com relação à rentabilidade da temporada. A safriinha começou aos poucos, com a entrada de mais produtores no comércio da fruta no mês passado. Em algumas propriedades, houve atraso na colheita, devido às madrugadas mais frias, desacelerando um pouco o processo de maturação da uva, que precisou ficar mais tempo no pé. De modo geral, a expectativa é de cotações maiores frente às temporadas anteriores, refletindo o menor volume produzido. Por outro lado, por ser uma safra mais longa, a entrada da fruta de outras praças no mercado, como Porto Feliz (SP), que produz majoritariamente a niagara, e Marialva (PR), pode limitar as valorizações ao longo da temporada.

Produtores mineiros também esperam bons preços para 2017

Viticultores de Pirapora (MG) estão com expectativa de bons preços para a safra 2017 de uva niagara, que deve começar em junho e seguir até novembro. Além da boa qualidade da fruta esperada, a entressafra na região de Campinas (SP) e nas praças do Paraná reforça essa expectativa. A uva rústica é a variedade mais produzida no município mineiro, por exigir menos tratos culturais e se adequar ao clima local. Satisfeitos com os resultados da última safra, pro-

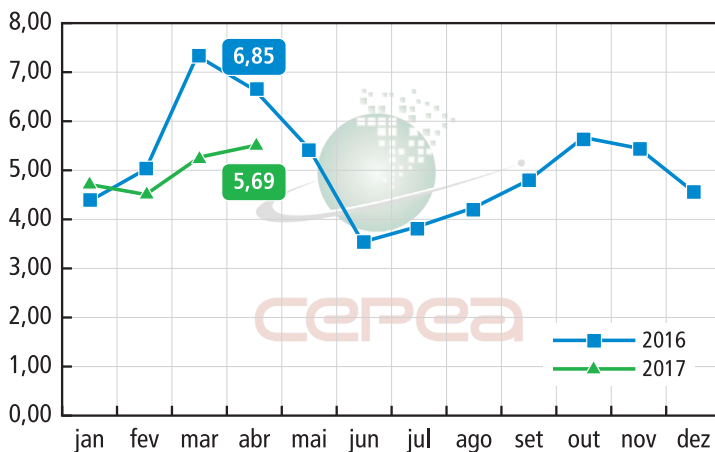
dutores devem aumentar a área cultivada na região.

Itália começa a dar espaço às uvas sem sementes no Vale

Mesmo com o avanço da colheita, a oferta de uva Itália no Vale do São Francisco (PE/BA) deve ser menor em maio, em relação ao mesmo período do ano passado. Segundo produtores, esse quadro pode estar associado à substituição de áreas da variedade com semente pelas sem semente, principalmente a uva vitória e a ísis. Além dos preços mais atrativos ao produtor, especialmente da vitória, a preferência do mercado interno e, principalmente, externo, pelas uvas sem sementes explicaria essa mudança. Em abril, a disponibilidade da Itália não foi suficiente para atender à demanda daquele mês, mantendo os preços em bons patamares ao produtor. Se o cenário de oferta restrita e demanda firme for mantido em maio, as cotações da variedade devem seguir elevadas.

Uvas do Peru e Chile reduzem competitividade da fruta brasileira

A colheita prolongada de uva no Chile e Peru elevou o volume da fruta disponível no mercado nos primeiros meses de 2017, provocando uma maior concorrência entre os principais países ofertantes no período, segundo notícia veiculada no *Fresh Plaza*. Embora já tenham encerrado as atividades, produtores chilenos e peruanos ainda estão exportando o excesso de uvas sem sementes estocadas, com a fruta chegando ao Brasil a preços mais baixos que os praticados no mercado doméstico. Desde fevereiro, atacadistas da Ceagesp relatam uma maior demanda pelas variedades importadas em detrimento das produzidas no Vale do São Francisco (PE/BA). Por outro lado, a qualidade das uvas importadas está aquém do esperado por comerciantes, que receberam reclamações de clientes. De qualquer forma, a tendência é que o volume importado pelo País siga elevado neste primeiro semestre, caso os preços continuem competitivos.



Mercado desaquecido reduz preços em abril

Preços médios da uva Itália embalada recebidos por produtores do Vale do São Francisco - R\$/kg



Fonte: Cepea



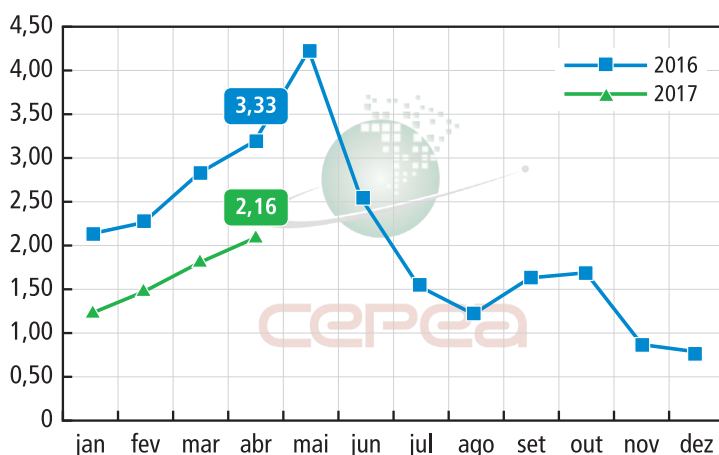


foto: Alex Carvalho - Juazeiro (BA)

Lutando contra a seca, mangicultores de Livramento conseguem bons preços

Apesar da crise hídrica e das persistentes induções florais realizadas em parte dos pomares de manga em janeiro e fevereiro, mangicultores da região de Livramento de Nossa Senhora (BA) colheram os primeiros volumes significativos da fruta no começo de abril. Essas unidades são provenientes de plantas que resistiram ao calor e à falta de água na região. Nesse contexto, a *palmer* foi a única variedade ofertada pela praça baiana no mês passado, já que é resistente, tolerou bem o clima seco dos últimos meses e apresentou boa resposta às induções florais do início do ano. A variedade pode continuar sendo disponibilizada no mercado até julho, quando deve começar a colheita da manga *tommy*. Embora o cenário da mangicultura local esteja incerto, produtores de Livramento ficaram satisfeitos com as vendas, em abril, já que a manga da região foi bem aceita no mercado, sobretudo na Ceagesp, apesar das dificuldades enfrentadas. No mês passado, as cotações da *palmer* tiveram média de R\$ 3,60/kg no atacado, aumento de 15% sobre a média de março. Vale lembrar que os preços variaram de acordo com o tamanho das mangas, sendo que as unidades de calibre entre 11 e 13 (de 0,5 a 0,6 kg) eram significativamente mais valorizadas em relação a aquelas com calibre entre 14 e 16 (de 0,3 a 0,35 kg).

Cotações podem se estabilizar neste mês



Preços continuam subindo com redução na oferta

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) pela *palmer* - R\$/kg

Fonte: Cepea

Abril foi um mês de bons preços para a mangicultura brasileira. A firmeza das exportações, a redução da oferta e a boa qualidade das frutas contribuíram significativamente para o bom desempenho do setor e o aumento dos preços no mês passado. Em maio, no entanto, essas variáveis devem se inverter. A entrada da Costa do Marfim no mercado internacional pode limitar as exportações brasileiras, já que o país passou a ser o principal fornecedor de manga à Europa desde o fim de abril. Além disso, a disponibilidade aumentou nas regiões do Vale do São Francisco (BA/PE) e Norte de Minas Gerais, e a fruta passou a ser ofertada também em Livramento de Nossa Senhora (BA), fatores que contribuem para elevar o volume nacional. Por outro lado, os investimentos em qualidade têm sido bastante elevados nos principais polos produtores da fruta, e mangicultores vêm trabalhando arduamente no combate à mosca-das-frutas, visando manter a boa reputação do produto brasileiro tanto no mercado interno quanto nos países importadores.

Demanda por manga deve aumentar 31% nos EUA em 2017

O consumo de manga tem aumentado significativamente nos Estados Unidos, segundo o *Fresh Plaza*. Esse cenário tem animado os principais países fornecedores de manga, já que a previsão é de que a demanda dos EUA pela fruta aumente 31% este ano, devido ao aumento do consumo e aos investimentos em programas de *marketing* nos setores relacionados à fruta. Até o momento, o México tem sido o principal fornecedor de manga aos norte-americanos, respondendo por cerca de 70% das importações daquele país. O Brasil deve iniciar suas exportações aos Estados Unidos apenas em agosto/setembro, enviando principalmente a manga *tommy* do Vale do São Francisco (BA/PE). No geral, as expectativas para os embarques brasileiros são positivas, principalmente pelo alto investimento em qualidade realizado por produtores de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA).



Acesse!
hfbrasil.org.br



ENTREVISTA:

Prof. Andreia Cristina de Oliveira Adami

Professora no Departamento de Ciências Exatas da ESALQ/USP e pesquisadora do Cepea. Andreia tem pós-doutorado em Modelagem Estatística e Precificação na área de seguro agrícola. Tem experiência na área de economia, preços agrícolas e exportações do agronegócio com ênfase em métodos quantitativos.

“QUANTO MAIOR O TEMPO DE RETORNO DO INVESTIMENTO, MAIS DIFÍCIL FICA GARANTIR QUE AS CONDIÇÕES DE MERCADO PERMANEÇAM ATRAENTES”

A análise de rentabilidade de um projeto de longo prazo como a atividade citrícola não é uma tarefa simples, porém, é necessária para qualquer investidor. A atividade citrícola tem retorno no longo prazo e é muito exposta a riscos que podem comprometer ou limitar o lucro esperado. Ela exige um exercício complexo de avaliar diversas variáveis de difícil estimativa. No entanto, é importante entender os principais *drivers* que afetam o investimento citrícola e, de preferência, já se precaver sobre o impacto dessas variáveis.

Nos últimos anos, com a crescente dispersão de HLB (*greening*) nos pomares citrícolas, os riscos de não se obter o retorno esperado com o investimento na atividade se tornaram muito maiores. Essa doença é considerada a mais crítica para a citricultura porque, quando infectadas, as plantas têm sua produtividade e longevidade reduzidas, o que significa diminuição da vida útil dos pomares e menor produtividade esperada da planta de citros. A vida útil do pomar antes do HLB (*greening*) era superior a 20 anos e, atualmente, como mostram os números da pesquisa do Cepea, os prazos têm sido inferiores a 18 anos.

Além de afetar a quantidade produzida de citros, as técnicas de manejo tiveram que se adaptar à convivência com a doença; desse modo, produtores intensificaram a densidade de seus pomares, adotaram maiores taxas de erradicação de plantas, implementaram técnicas de monitoramento do inseto vetor *Diaphorina citri* e de plantas sintomáticas, além de aumentar de forma impressionante a pulverização dos pomares com inseticidas no ano-safra, o que teve impacto direto sobre os custos da atividade. Num projeto de longo prazo, como o de citros, é importante considerar que o HLB (*greening*) pode continuar a

se espalhar pelos pomares comerciais, além do risco de aparecimento de outras doenças de igual impacto no negócio. Um potencial risco é o aumento da dispersão do cancro cítrico no cinturão citrícola, que pode ampliar ainda mais os custos com o manejo do pomar já existente.

Os preços recebidos pela caixa da laranja são outro fator de risco e nem sempre podem ser garantidos aos produtores, mesmo no caso de contratos. As condições negociadas podem ser alteradas ao longo do tempo e, desse modo, fica difícil garantir que o produtor conseguirá um preço remunerador durante

tudo o período considerado no projeto, de 18 anos, por exemplo. Portanto, o risco de preços deve sempre ser considerado. A crise de 2012 é uma evidência disso. Naquele ano, os preços da caixa de 40,8 quilos se reduziram para patamares muito abaixo do custo operacional.

O ponto crucial de se avaliar um projeto citrícola no momento é que, quanto maior o tempo para retorno do inves-

timento, mais difícil fica garantir que as condições de mercado permaneçam atraentes e, conseqüentemente, que o preço de venda da fruta permaneça remunerador. Não se pode tomar o preço recorde da laranja para a indústria paulista no mercado *spot* de 2016 como base para a remuneração de um projeto de longo prazo.

Além dos fatores de risco da própria atividade, como as expectativas de produção, de vida útil e preço de venda da laranja, outros riscos, externos a atividades, podem impactar o setor, como os inerentes à macroeconomia. Garantir a taxa de retorno desejada num ambiente macroeconômico como o da economia brasileira também é um desafio para projetos de longo prazo.

“Com a crescente dispersão de HLB (*greening*) nos pomares citrícolas, os riscos de não se obter o retorno esperado com o investimento na atividade se tornaram muito maiores.”

Todas essas mudanças impactam fortemente o fluxo de caixa do investimento, que é variável fundamental da análise do retorno. Portanto, em todo novo investimento em citros é importante considerar, além das variáveis tradicionais utiliza-

das em análises de projeto, como a taxa de retorno e o número de anos necessários para se retornar o capital investido, os riscos inerentes à produtividade esperada, preços e custos de produção.

PRINCIPAIS RISCOS INERENTES À CULTURA DE CITROS

Principais pontos que podem comprometer a rentabilidade esperada no longo prazo:

Produção ao longo da vida útil: as mudanças climáticas e o “manejo inadequado” impactam diretamente a curva de produtividade. Outro fator de risco que pode afetar a produtividade e a longevidade do pomar é a crescente dispersão do HLB (*greening*) nos pomares citrícolas.

Efeito HLB (*greening*): com a crescente dispersão de HLB (*greening*) nos pomares citrícolas, os riscos de não se obter o retorno esperado com o investimento na atividade se tornaram muito maiores no médio prazo. Além disso, o HLB (*greening*) também altera o modelo de projeto de investimento dos pomares necessário para se conseguir obter a maior produtividade no menor tempo possível.

Preço da laranja destinada à indústria: é importante ter uma garantia de preço estável e remunerador. No entanto, em um projeto de 18 anos é muito difícil obter tal garantia, mesmo para os que fecham contratos de longo prazo com a indústria. Ainda assim, os contratos de longo prazo são menos arriscados do que os que negociam ano a ano com base no mercado *spot*. Entre 2000 e 2016, o grau de dispersão dos preços no mercado *spot* apurados pelo Cepea foi de 50% (em valores reais).

Mudanças macroeconômicas: prever o comportamento da economia brasileira num prazo de 18 anos também não é uma tarefa fácil. Um projeto de 18 anos deve sofrer influências importantes de flutuações na taxa de câmbio, juros e inflação.

Hortifruti Brasil: Qual é sua avaliação dos resultados obtidos da análise de retorno estimada nos Projetos 1 e 2 da Matéria de Capa?

Andreia Cristina de Oliveira Adami: Apesar do Projeto 1 apresentar retorno positivo, o prazo de retorno do investimento (11 anos) é um ponto crítico, considerando-se que a vida útil do pomar é de 15 anos, o investidor só obterá lucro nos últimos quatro anos do projeto. O investidor, em geral, busca obter a taxa de retorno mais elevada possível e o retorno do seu capital investido no menor prazo. É importante ressaltar que, quanto maior o tempo de retorno, mais difícil fica manter as premissas consideradas

na elaboração do projeto. O Projeto 2 tem indicadores mais positivos, apesar de investimento inicial mais elevado. O investimento retornaria em prazo menor e com maior rentabilidade. O desafio do Projeto 2 é conseguir manter a produtividade estimada no modelo ao longo dos 15 anos de produção do pomar. Ao adotar novas tecnologias de manejo, o Projeto 2 consegue mitigar dois riscos importantes em um projeto de citros: o risco climático por conta da irrigação e a perda de produção, por conta da maior densidade de plantas por hectare, o que permite produtividade maior em menor tempo.■

É
NATURAL CRESCER
COM A GENTE.

f AlltechCropScienceBrasil | AlltechCropScience.com.br

Com a Alltech Crop Science o resultado é natural: melhor qualidade e maior produtividade, aumentando o valor de mercado da sua produção. Conheça nossa tecnologia e melhore o desempenho do seu citros.

Alltech
CROP SCIENCE

Soluções BASF para hortifrúti.

Mais qualidade e produtividade para sua lavoura.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições temporárias no Estado do Paraná: Orkestra® SC para café e para o alvo *Ceratocystis paradoxa* na cana-de-açúcar; Forum® Plus para rosa; Polyram® DF para alho, cenoura, melancia, melão e para os alvos *Botryosphaeria dothidea* em maçã e *Alternaria solani* em tomate; Caramba® 90 para crisântemo, feijão-vagem, rosa e para os alvos *Phaeoisariopsis griseola* em feijão e *Puccinia graminis* em trigo; Imunit® para arroz; Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate e Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Caramba® 90 nº 01601, Collis® nº 01804, Dormex® nº 001095, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Delan® nº 01818604, Imunit® nº 08806, Kumulus® DF nº 02418592, Pirate® nº 05898, Polyram® DF nº 01603, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 002793, Herbadox® 400 EC nº 015907, Orkestra® SC nº 08813, Stroby® SC nº 03198 e Tutor® nº 02908.

0800 0192 500

facebook.com/BASFAgroBrasil
www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Conheça o Portfólio BASF para Hortifrúti:

Fungicidas
Orkestra® SC*
Cabrio® Top*
Cantus®*
Forum®
Collis®
Tutor®
Forum® Plus
Delan®
Polyram® DF
Caramba® 90
Stroby® SC
Kumulus® DF

Inseticidas
Pirate®
Regent® Duo
Nomolt® 150
Fastac® 100
Imunit®

Herbicidas
Heat®
Herbadox® 400 EC

Regulador de Crescimento
Dormex®

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry